ANNO XXXIII
NUMERO 42
22 - 3 - 1934
Preço 1$200
O SUICIDIO
conto de
FELIPE D'OLIVEIRA
(NO TEXTO)
O Malho

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACÁ', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Bolivia, Perú, etc.

NENHUM O IGUALOU AINDA PREÇO — 4$000

FILTRE A VOSSA AGUA!

Filtros de todas as marcas, velas filtrantes, Talhas e moringues ao alcance de todos, só na

"CASA DOS FILTROS"

Depositaria dos famosos Torpedos Paulistas a 40$000

os melhores filtros pelos menores preços

"CASA DOS FILTROS"

A sentinella avançada da cidade

LARGO DO ROSARIO N. 30

PHONE 2-9698

Proximo ao Largo de S. Francisco

CASA SPANDER

Bolas para football, completas

Halex n.º 1	9$000	Rotschild n.º 5	35$000
" " 2	12$000	" Extra 5	45$000
" " 3	15$000	Spaldic n.º 5	30$000
" " 4	20$000	Spandic n.º 5	30$000
" " 5	25$000	Spander n.º 5	35$000
Spandic n.º 1	10$000	" Extra 5	40$000
" " 2	14$000	Improved "T" 5	110$000
" " 3	18$000	Improved "T" cromo 5 . . .	120$000
" " 4	25$000		
Rotschild n.º 3	22$000		
" " 4	28$000		

Shooteiras, tornozeleiras, joelheiras, meias, bombas, apitos, etc. etc.

A. M. BASTOS & CIA.

Rua dos Ourives n. 29 — Rio de Janeiro

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 42

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil 1$200 — Assignaturas: Annual-----60$000 / Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

SEMANA SANTA
Chronica de Affonso Celso

O ENAMORADO DA VIDA
Poesia de Olegario Marianno

PRATO DE LENTILHAS
Pensamentos de Berilo Neves

NO TEMPO DE JESUS
Conto de Raul Lellis

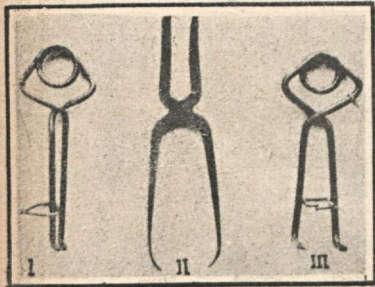
ESPELHO DE CASADOS
Dialogo de C. da Veiga Lima

FARPAS
Texto e illustração de Théo

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em Revista — Broadcasting - etc., etc.

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

CAÇA ÁS TOUPEIRAS

Os Normandos conseguiram lavrar um tento inventando as armadilhas para apanhar esses pequenos animaes, que devastam sem piedade pomares e jardins em quasi todos os paizes. Taes armadilhas, pouco custosas, aliás, são de tamanho insignificante e recommendam-se por poderem entrar facilmente nas galerias onde se acoitam as toupeiras.

Aqui vão alguns modelos das armadilhas adoptadas pelos agricultores da Normandia com as indicações necessarias.

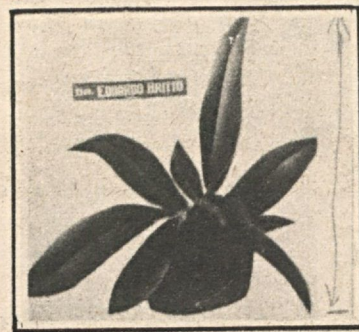
Fig. 1, a armadilha, fechada; fig. 2, o alicate para facilitar o manejo da armadilha quando as extremidades desta custarem a abrir-se; fig. 3, a armadilha preparada; fig. 4, como utilisar o alicate para separar as extremidades da armadilha.

A isca empregada deve ser a minhoca.

5, a melhor maneira de collocar a armadilha.

RUAS TRANSFORMADAS EM JARDINS

Em Havai, a venda de flores faz-se em todas as ruas, que se convertem, em dadas horas do dia, em verdadeiros jardins. As floristas offerecem ramalhetes a um preço baixissimo e raro é o passante que não compre ao menos umas violetas.

Estas são ahi famosas por seu inebriante perfume.

Uma planta aquatica para amadores e collecionadores

"Cabomba glande", — um exemplar raro de uma flor sem sepalos, portanto sem calice, em estudo de experiencia de acclimação pelo botanico Dr. Eduardo Britto.

PARA A MATURAÇÃO DAS FRUCTAS

Os agricultoras cubanos estão empregando o gaz acetyleno como um apressador do desenvolvimento maximo das frutas, e elles dizem que disso advêm outras vantagens. Uma destas é a de fazer desapparecer a acidez das frutas, proporcionando-lhes melhor paladar.

O emprego do acetyleno deve ser feito em ambiente hermeticamente fechado na proporção de um metro cubico por mil metros cubicos de espaço livre, e requer muito cuidado, pois o gaz é explosivo.

A ARVORE DA SAUDE

A vinha tem sido, desde remotos tempos, considerada a arvore da saude. Vale dizer portanto que "quem bebe vinho" (vinho bom, bem entendido) haure saude em gottas. Segundo o Dr. Léon Donarche, um aldeão, Pierre Métayer, ficou completamente curado de uma grippe tenaz, aos 84 annos, após haver tomado, moderadamente, duas garrafas de vinho velho Médoc que um amigo lhe remettera. O Dr. Guéniot, decano da Academia de Medicina de Paris, tem cem annos de idade e bebe vinho desde a primeira infancia. Elle acha que o vinho com agua, ás refeições, excita o appe‑te e facilita a digestão.

CAIXA D'O MALHO

BEAU XISTO (Itap.) — De facto, os trabalhos trazem, bem accentuada, a marca da sua pouca idade.

Seria melhor que V. se dedicasse a ler, bons livros, a observar a vida, a amadurecer o espirito, antes de querer publicar qualquer coisa.

TAVARES (Botucatú) — "Offerenda" é um magnifico poema. Ha muita originalidade na sua maneira de ver e de dizer as coisas. Vae ser publicado, mas demora, porque a pasta de collaborações poeticas se acha abarrotada e, além do mais, trata-se de um trabalho um tanto longo. Em "Orvalho e perfume", V. deu passagem franca aos logares communs.

EDELWEISS (Salvador) — Não estrague o seu estylo e o seu tempo com futilidades. A V. só falta originalidade no thema, porque o estylo é facil e elegante. De miragens e rosas despetaladas por beija-flores já têm abusado os poetas mediocres e as moças romanticas. Ponha isso de lado e vamos á vida — á vida de verdade.

MORAES JUNIOR (Campinas) — Desta vez, está em condições de ser publicado. Agora, muna-se de paciencia para esperar.

ANTONIO D'ELIA (S. Paulo) — A respeito do Aizen, V. já deve estar informado, se leu a ultima resposta que lhe dei.

O conto está bom e creio que, desta vez, V. não terá muito que esperar, como uma satisfação que se lhe deve. Talvez tenha que mudar-lhe o titulo. Está certo?

TITO BRAGA (Recife) — Chi! Mas que lhe terá feito a pobre daquella moça, para que V. lhe dedique um soneto tão horroroso? Se V. pretende continuar a fazer versos, vá a uma encyclopedia e veja o que significam estas palavras: metrica e rima.

PRINCIPE DE GALLES (S. Paulo) — Não tão bom como o primeiro. Mas ainda assim, póde ser publicado.

LEONEL FARIA (Bello Horizonte) — Aproveitei "Desejo" e "Recado p'ra Pedro Alvares Cabral". Não se impaciente, porém, se demorar a sahir. E' assim mesmo: a pasta de collaborações poeticas está abarrotada.

MATHEUS (Bello Horizonte) — Não tem nada que agradecer: fez-se-lhe justiça, apenas.

O seu novo conto, com a bôa illustração que o acompanha, será aproveitado tambem.

Z. P. LINS (Rio) — Eu gosto dos que me escrevem assim, com franqueza e decisão, contestando os meus juizos. A sua carta, além dessa satisfação proporcionou-me opportunidade para uma defesa: a primeira resposta que lhe foi dada, não sahiu da minha penna. Se V. vem lendo a "Caixa" ha muito tempo notará que aquella phrase está fóra da sua orientação. São coisas que se não podem prever, nem evitar.

Quanto á segunda resposta, V. tem razão na parte referente ao soneto "Defesa", porque já o li sob a influencia do "Ao Mundo". Este, porém, está errado nos versos apontados. O 1.º verso do 1.º quarteto ainda passa, lendo-se "co'o" em vez de "com o" o que, modernamente, é uma violencia.

Quanto ao verso "De chaos ante o espectaculo universal", não ha leitura, nem violencia que o salvem: são 11 syllabas "na batata". E relação á ultima remessa, tenho a dizer-lhe: não gostei de — A' Ela. Juro-lhe que não é por causa dessa crase, que facilmente se emendaria: é que o soneto está muito emphatico. A poesia, pelo seu tamanho, collocou-se fóra de combate. Fica "Synthese philosophica", junto com "Rocha Pombo", aguardando um espaçozinho.

MAYA SENA (Bahia) — Hoje mesmo levei a sua justissima reclamação ao secretario, que me prometteu providenciar para que saia qualquer coisa das varias producções. Elle me prometteu attendel-o. Não gostei do seu "Desejo de Renovação". Se V. ler os poemas em prosa de Oscar Wilde, nesse genero, concordará commigo.

HELIO LUZ (Carmo do Paranahyba) — "O Limite da Coragem" está em condições de ser publicado.

JOAQUIM CALIOPE DE ARAUJO (Quixará, Ceará) — Foram remettidos para esta secção os seus versos. Elles estão profundamente impregnados de emoção e sinceridade e só o facto de escrevel-os, deve ter-lhe proporcionado um grande allivio. Entretanto, o autor trata o assumpto de modo tão — como direi? — de modo tão domestico, que os versos não se prestam á publicidade numa revista. Demais, nem só a sincera emoção é bastante, em poesia. Ha mais: a forma, o estylo, já pondo de lado as questões de metrica. Teria gosto em contental-o e espero fazel-o noutra occasião — mas não posso violar as normas que orientam esta secção.

RHO (Rio) — Por este caminho, vamos mal: esses themas futeis só dão paginas apreciaveis, quando em mãos de estylistas particularmente dotados de graça, de finura, de delicadeza. A sua prosa não se acommoda a este genero.

Quanto aos versos, V. anda nelles ás turras com a metrica, do começo ao fim.

O nome de João de Minas é Ariosto Palombo.

GUY (S. Paulo) — Diagnostico da sua historiazinha: anemia aguda. Precisa tomar ferro.

JOÃO ESTEVES (Ubá) — Já está illustrada e não demora mais a sahir. Parece que, agora, os sellos não custarão a ser aproveitados.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

Programma

Agora, que já vão longe os écos do Carnaval, talvez fosse interessante para o leitor saber a quanto attingiu a vendagem das musicas de mais successo na quadra ruidosa da folia.

Essas musicas, que toda a Cidade em delirio canta e vocifera, entôa e desentôa, ao rythmo desabrido dos temperamentos em eclosão, são, na realidade, as mais procuradas pelo publico nas casas do ramo?

Vejamos a resposta nas linhas que seguem.

Em primeiro logar, colloquemos em primeiro plano no agrado geral as marchas "Linda Lourinha", de João de Barro, "Ridi, Pagliacci", de Lamartine Babo, "Typo 7", de Nassara e Alberto Ribeiro, "Historia do Brasil", de Lamartine Babo, "Si a lua contasse", de Custodio Mesquita, "Ha uma forte corrente contra você", de Francisco Alves e Orestes Barbosa, "Carolina", de Bomfiglio de Oliveira, "A Hora é bôa", de Masinho e Aloysio de Oliveira, e "Uma andorinha não faz verão", de Lamartine e João de Barro.

De todas, a que mais vendeu foi "Linda Lourinha", que attingiu 9.000 exemplares em papel.

"Carolina" vem em segundo logar, com "Ridi, Pagliacci", havendo uma e outra alcançado a casa dos 5.000 impressos cada uma, seguindo-se "Si a lua contasse", com 4.500, "Ha uma forte corrente contra você", com 4.000, e "Typo 7" com 3.500.

Esta ultima, havendo vencido, em primeiro logar, o concurso da Prefeitura do Districto Federal, não logrou, entretanto, uma tiragem representativa.

"Historia do Brasil" e "Uma andorinha não faz verão" andaram beirando os 3.000.

Quanto aos sambas, a não ser "Agora é cinza", de Alcebiades Barcellos e M. Marçal, que tambem venceu, no genero, o concurso da Prefeitura carioca e que vendeu cerca de 2.500 exemplares, bem como do "O Correio já chegou", de Ary Barroso, que vendeu uns 2.000, nenhum outro fez boa figura no Carnaval passado, nem mesmo quanto á popularidade.

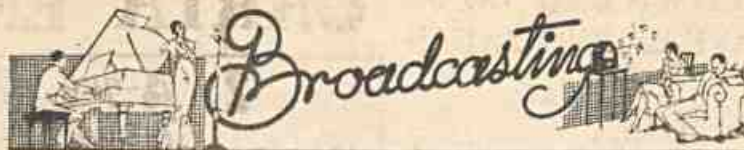
Dahi se conclue que o samba não é carnavalesco, apesar dos exemplos em contrario.

Como viu, porém, o leitor, as musicas do reinado de Momo não deixam o lucro que seria de esperar, nem para os auctores, nem para os editores.

A vendagem de partituras em papel é a unica que salva uma peça, actualmente, do fracasso financeiro, tendo em vista a queda da vendagem de discos, principalmente os de assumpto carnavalesco, que ninguem compra por sabel-os de vida ephemera e precaria.

Assim sendo, e tomando por base a quota de 400 réis, que é quanto ganha um auctor por letra e musica em cada exemplar-papel, veremos que João de Barro, por excepção, havendo vendido duas vezes mais que os outros a sua "Linda Lourinha", embolsou apenas 3:600$000, o que, evidentemente, não dá para uma viagem á Europa...

Ainda não é negocio, portanto, escrever musicas populares nesta terra onde todos cantam, todos tocam, todos dansam e todos... não compram.

O. S.

UMA NOVA "ESTRELLA"

Trata-se, evidentemente, de um pseudonymo: — Norma Geraldy. Moça que deixa os salões e ingressa nos meios artisticos, procurando apagar os traços da sua identidade anterior. Ou então um rotulo mais sonoro, de cartaz, como se faz em Hollywood. De qualquer maneira, porém, Norma Geraldy é um nome bonito, que o publico ha de guardar, pois que a sua portadora possue todos os predicados para um successo definitivo.

E' um dos novos elementos que integram a Companhia Dulcina de Moraes, ora actuando na phase inaugural do "Rival Theatro", onde se enscena "Amor", de Oduvaldo Vianna. Norma Geraldy é, além disto, a nova "partenaire" de Olavo de Barros em *sketches* radiophonicos. Canta, compõe musicas, representa, escreve. E se o leitor ainda quer saber mais alguma cousa, é só olhar para o retrato de Norma Geraldy...

Zacharias do Rego Monteiro, declamador e cantor de radio, foi fazer uma estação de aguas em São Lourenço. Certamente para engordar mais um pouco...

— —

"Mossoró" continúa inspirando os compositores... Ary Barroso escreveu o samba "Mossoró, minha nêga", e Mario Travassos de Araujo tambem fez outro "Alô, Mossoró!". Que bom ser cavallo...

— —

Sylvio Vieira, além de cantor dos mais apreciados, dedica-se tambem á chiromancia. Ha dias, emquanto elle lia a mão do Ernesto Mangione, na "A Melodia", o Lamartine Babo, á parte, disse para o João de Barro:

— Estás vendo. O Sylvio Vieira deixou de ser brasileiro.

— Por que? — indagou o auctor de "Linda Lourinha". Por ser paulista?

— Não. Porque agora está "a... lê... mão"...

E o Julio de Oliveira, que fazia parte da roda, sahiu de junto exclamando:

— Ufa, "seu" Lamartine! Que trocadilho infame!...

UMA CANTORA DO FUTURO...

Alice Ciccina S. Mangione, eis o nome desta "dama antiga" que se vê na photographia. E' a encantadora filhinha de Vicente Mangione, conhecido editor, e de sua consorte D. Délia Rey de Mangione. Alicinha quando crescer cantará, certamente, as musicas editadas pelo seu pae.

O PERIGO DISTANTE

— Ah, se eu pudesse estrangulal-o!...

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Zézé Fonseca, que antes de trabalhar no theatro cantava no radio, voltou a actuar nos nossos microphones. O seu repertorio é só de sambas e de marchas explorando motivos já banalisados.

— —

— Uma das marchas de successo do ultimo Carnaval — "Uma andorinha não faz verão" — foi gravada em discos "Odeon" por Alvinho, o creador de "Bungalow", que se achava afastado da actividade artistica.

— —

A convite da Associação Nacional de Broadcasters Argentinos, a C. B. R. (Confederação Brasileira de Radio-Diffusão) vae enviar a Buenos Aires uma delegação composta dos Srs. Elba Dias, Canby Araujo e Leonardo Jones, este ultimo da secção de São Paulo, afim de representar o nosso paiz no Congresso de Broadcaster Sul Americano.

— —

P. R. D. 5, a estação que o Departamento de Educação mantem, distribue gratuitamente mappas e schemas que permittem seguir as palestras scientificas e artisticas transmittidas pelo seu microphone. O telephone de P. R. D. 5 é 2 — 8174.

— —

"O mundo é teu", eis o titulo da ultima producção de José Maria de Abreu, editada por De Rosa, de São Paulo.

E' um fox-canção exaltando a mulher brasileira. Os versos são de Oswaldo Santiago.

— —

O primeiro disco de Francisco Alves na "Victor" terá, em um dos lados, o fox "Dei-te o meu coração", em torno do qual questionaram duas firmas editoras desta capital. Existindo para o mesmo duas letras em portuguez, uma de Cesar Ladeira e outra de Matheus da Fontoura, o cantor resolveu o caso com uma terceira, escripta especialmente para elle por Orestes Barbosa, co-auctor dos seus ultimos successos.

— —

Acha-se em visita a esta capital, onde demorar-se-ha poucos dias, o Dr. Renato da Silveira, presidente do "Radio Club de Pernambuco", a veterana estação nortista. Acompanha-o sua exma. esposa, Dona Judith Jordão da Silveira, uma das cantoras mais festejadas do ambiente artistico de Recife.

— —

— Zacharias do Rego Monteiro, uma das melhores vozes da "Radio Serenata", embarcou, ha dias, para Cambuquira, S. Lourenço e Lambary, ahi realisando uma serie de concertos que foi o maior successo da temporada artistica dessas estações de aguas.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 5.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Leda Castro — Rua Delgado de Carvalho, 32 — Tijuca.
Maria Alice — Rua Candido Mendes, 25
J. A. Fontoura — Rua Esteves Junior, 34 — Cattete.

ESTADO DO RIO

Calepino — Rua Santos Dumont, 931 — Petropolis.

S. PAULO

Cambrainha — Rua Martha, 20 — Capital.
Jeronymo Terra — Rua Alexandrina, 69 — São Carlos.
L. G. Oliveira — Avaré.
Victor Lapeuta Sophonias — Itapolis.

MINAS GERAES

Barão — Av. Paraúna, 471 — Bello Horizonte.
Cleonice de Oliveira — Praça D. Angelina Braga, 13 — Itajubá.

RIO GRANDE DO SUL

Mario Medicis Sica — São Jeronymo.
Pery Moraes — Rua Dr. Flores, 77 — Porto Alegre.

BAHIA

Laura Pinho — Rua do Paço, 38 — Capital.
Maju' Monteiro — Mouraria, 70 — Capital.

PERNAMBUCO

Mirurgia — Rua do Riachuelo, 931 — Recife.
Pierre — Rua do Riachuelo, 581 — Recife.
Augusto Ferraz — Floresta.

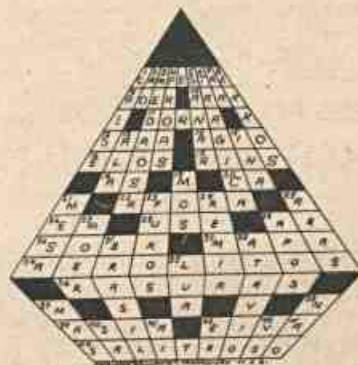
ALAGÔAS

Lima Silva — Praça dos Martyrios, 571 — Maceió.

PARAHYBA

S. N. de Carvalho — Av. João Machado, 613 — Capital.

R. G. DO NORTE

Maria de Oliveira Lima — Av. Deodoro, 602 — Natal.

A SOLUÇÃO DO 5º PROBLEMA DO TORNEIO DAS PALAVRAS CRUZADAS

CARTA ENIGMATICA

2 4-qua V a/ã
Qm ~-l Vr -t -b, e/e C VAGA,
AQUI r ALVO -F e/e TITULO DE NOBREZA r,
q a/a -L +C s -P +d -p -do gt,
-L +N -a E KrS V/V Br...
"DI Zr, ENTE IMAGINARIO -F +N preço -o +a"
planta -a +u ẽ me -i u DIZr...
M a/a q̃ di/di q n -b +d -e +u,
q raiva B̃... e VÁ DIZr...
ADLMAR T -b +v

De um grande poeta brasileiro pertencem as duas trovas da presentes carta enigmatica.

Aos seus decifradores, distribuiremos em sorteio VINTE magnificos premios.

As soluções devem vir acompanhadas do "coupon" respectivo, e enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 21 de Abril, data do encerramento deste torneio. Na edição d'O MALHO de 3 de Maio, apresentaremos o resultado da apuração procedida entre os decifradores deste concurso.

CORRESPONDENCIA

Ruy Augusto, Eunice — Os trabalhos enviados não satisfazem.

Deduca, Guy, Othon Machado, Alvaro Neves, Naná — Aguardem a publicação dos seus trabalhos.

Pythagoras Barros de Moraes — A sua carta enig. já foi aproveitada, mas o problema de Palavras Cruzadas estando muito fraco, não o será. Um a um...

Luiz Onofre — Pela extensão de seu problema não é possivel aproveital-o. Envie-nos outro menor.

CARTA ENIGMATICA
COUPON N. 33
Nome ou pseudonymo ....
....
....
Residencia ....
....

Existe apenas, um campanario de aluminio. E' o que foi construido para a igreja protestante de Smithfield Street, em Pittsburg, Estados Unidos.

A altura do campanario em questão é de 60 metros e o peso das 221 peças de aluminio de que se compõe a torre é de 3.300 kilos.

* * *

O "Codex argenteus" é um livro rarissimo. E' a unica traducção gothica que se conhece dos Evangelhos. O magnifico Codigo pertenceu primeiro aos monjes de Venden. Em 1648, foi levado, como presa de guerra, para Praga. Christina da Suecia deu-o ao bibliothecario Vossius. Mais tarde, em 1669, o chanceller da Inglaterra, Magnus Gabriel, comprou-o para offerecel-o á Côrte sueca.

* * *

Muitas pessoas supersticiosas acham de mau agouro virar um saleiro. A origem de tal crença remonta, suppõem, á época romana, quando se atirava grande quantidade de sal nos campos inimigos com o fito de tornal-os estereis. Até á Edade Media considerou-se esse costume como um symbolo ou signal de destruição. Na "Ceia", de Leonardo da Vinci, o immortal pintor italiano, vê-se um saleiro virado deante de Judas Iscariote. O artista quiz, assim, recordar a velha superstição dos Romanos.

* * *

Nem todos sabem que...

A origem mais provavel do nome da capital argentina não provém da exclamação que os Sevilhanos lançaram ao desembarcarem na linda cosmopolis platina. Vem do facto de os expedicionarios hespanhóes renderem culto á Nossa Senhora do Bom Ar (Buen Aire), que era venerada em sua Patria distante.

* * *

Na "Gaceta de Buenos Aires", jornal que se publicava, em 1817, na capital portenha, appareceram varios annuncios curiosos. Por exemplo: "Vende-se uma mulata para todos os serviços; não tem vicios conhecidos; é escrava de D. Caledonio Garay".

* * *

Nos fins do anno passado as estações radio-telegraphicas da Russia propalaram a sensacional noticia da terminação do Canal do Mar Branco, no norte da Russia, cujo termino é o porto de Leningrado no Baltico.

Foi construido em anno e meio, tem 226 kilometros de extensão e foram empregados na sua construcção 150.000 operarios sob a direcção de engenheiros russos. Os transatlanticos vão agora directamente ao Mar Branco, evitando a demorada e dispendiosa circumnavegação dos paizes escandinavos. A madeira, os metaes, carvão e conchas de tartaruga, os productos do norte russo são transportados rapidamente aos mercados do sul. Os preços agora irrisoriamente baixos destes artigos ameaçam seriamente o commercio estrangeiro. Rasgaram-se immensos bosques, construiram-se novos caminhos através de regiões quasi desconhecidas e totalmente despovoadas. Construiram-se 26 diques para levantar o nivel dos lagos pelos quaes cruza o traçado do canal, para que os vapores de grande alado possam navegar. Foi construido um gigantesco systema de eclusas sobre o rio Provienschanka, mediante as quaes os vapores são levantados a uma altura de 76 metros e descidos logo escaladamente. Tiveram que escavar 7 milhões de metros cubicos de terra. Tiveram que dynamitar 2 milhões de metros cubicos de rochas. Foram transportados para terraplenagem 7 milhões de metros cubicos de terra. Foram construidos 334.000 metros cubicos de andaimes de cimento armado e 982.000 de madeira.

Na construcção do Canal do Panamá, que apenas tem 82 kilometros de extensão gastaram-se 9 annos; o Canal de Suez, que mede 164 kilometros, foi construido em 10 annos e o do Mar Branco tendo 226 kilometros levou só anno e meio e trabalhando com uma temperatura a muitos graus abaixo de zero, que victimou bastantes operarios. Além do objectivo do fomento commercial ha tambem o plano estrategico na abertura do gigantesco canal que veiu enriquecer as regiões até então sem communicação rapida com o sul da Russia.

O yo-yo é um apparelho muito util para os cobradores de bonde despertarem os passageiros...

UMA DENTADURA RARA

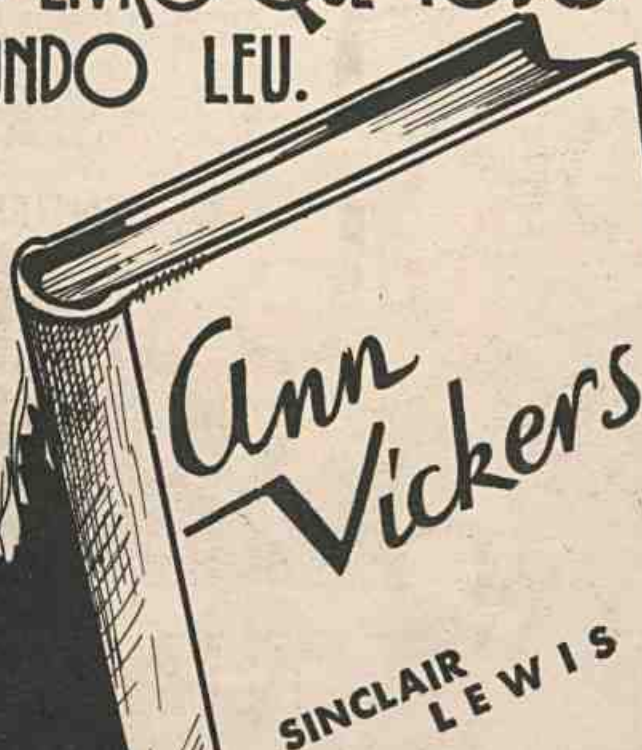
O Dr. Tommasinelli, celebre dentista de Turim, recebeu, um dia, uma senhora elegante em seu consultorio.

A cliente abriu a bocca e Tommasinelli, admirado, exclamou com enthusiasmo:

— Que dentadura maravilhosa tem a senhora!... E' a mais perfeita que tenho visto!... Dá-me até ganas de roubar-lh'a para pol-a numa vitrine!

— Pois da vitrina tirou-a o Sr., o anno passado, para collocal-a em minha bocca.

Madame era uma antiga cliente do dentista.

Ann Vickers
O POEMA DA MULHER LIVRE.
O FILM QUE TODO MUNDO VAE VER.
ANN VICKERS
O LIVRO QUE TODO MUNDO LEU.
Ann Vickers
SINCLAIR LEWIS
A EMOÇÃO QUE O CINEMA AINDA NÃO NOS TINHA DADO
IRENE DUNNE
com
WALTER HUSTON
NO DIA 26 NO
BROADWAY
BUTH

4
THESOUROS PARA
A INFANCIA.
LIVROS PRIMORO-
SOS PARA AS
CREANÇAS
PAPAE
de Joracy Camargo
Vovó D'O Tico-Tico
de Carlos Manhães
HISTORIAS DE
PAE JOÃO
de Oswaldo Orico
PANDARECO,
PARACHOQUE
E VIRALATA
de Max Yantok
LIVROS
DE
RECREIO,
DE
CULTURA.
LIVROS
QUE
TODAS
AS
CREANÇAS
DEVEM
LER.
ESTÃO A VENDA
NAS LIVRARIAS DE
TODO O BRASIL
PEDIDOS Á
BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
TRAVESSA DO OUVIDOR 34-RIO DE JANEIRO
PREÇO DE CADA VOLUME
5$
Luiz Sá
RIO — 34

O MALHO

O NOSSO ANCHIETA

Á luz da historia nacional, sob cujos raios perpassam vultos de relevo innegavel, em todos os ramos da capacidade humana, multiforme e extensa, nenhum vejo, a contar de todos os tempos, nimbado de mais doce prestigio de sympathia e de amor, de nenhum sei que inspire mais commovida ternura do que o vulto de Anchieta. Porque elle foi, antes de tudo, o nosso Pae espiritual, o distribuidor da divina semente, o revelador da poesia do christianismo, numa edade em que todos, ou quasi todos os que aportavam a estas plagas incultas, tinham apenas a obsessão da conquista material, fazendo de nossa terra, o que era aliás bem humano, um ponto de referencia, de olhos voltados para a metropole fascinante, á espera de melhores dias.

O apostolado que exerceu Anchieta por espaço de largos annos, desde a edade de 23 annos, quando desembarcou na Bahia, ainda noviço, em companhia de Duarte da Costa, até a de 63, com que morreu, na aldeia de Reritiba, não pode ser explicado sinão por um predestinio da Providencia, por uma verdadeira vocação, dada a coincidencia de que o anno de seu nascimento, 1534, foi o mesmo da fundação da Companhia de Ignacio de Loyola, em Montmartre.

Para realizar de modo tão nitido o seu ideal de evangelização dos indigenas, a nenhum sacrificio se furtou. De saude delicada, nem por isto se poupava, expondo-se a todas as vicissitudes, arrojando-se a empresas, em que havia perigo não apenas para o corpo, como para a alma, que era o seu maior cuidado, mas em cuja força elle confiava, como homem, limitando-se tanto mais quanto maiores eram as responsabilidades e, como santo, valendo-se humildemente da oração, arma incombativel.

Possuindo rara intuição dos problemas pedagogicos, em pleno seculo XVI empregava os processos preconizados pela escola moderna de hoje, divertindo para instruir, interessando para educar.

Catechista, professor, dramaturgo e linguista, conhecendo o latim, o portuguez, o castelhano e tupy, escreveu o grande jesuita a 1ª grammatica tupy, que tantos serviços estava fadada a prestar.

As paginas literarias que fazem delle "o mais antigo vulto da nossa historia intellectual", si não despertam interesse de ordem puramente esthetica, diz com razão Afranio Peixoto, valem essencialmente pela ingenuidade e pelo colorido de uma poesia toda mystica, devem ser lidas pela expressão moral de que se revestem, assignalando um temperamento excepcional e superior, como tambem marcando um roteiro, em meio a trevas quasi impenetraveis.

Narra o seu primeiro biographo, P. Pedro Rodrigues, que certa vez, em São Vicente, na vespera da Circumcisão, em presença de toda a Capitania, representavam amadores uma peça devota de Anchieta, quando o tempo se torna ameaçador. Uma nuvem negra e temerosa põe-se sobre o theatro, afugentando os espectadores. O irmão José assoma a uma janella e diz: — "Aquietem-se todos e ninguem se vá, porque não ha de chover até se acabar a obra". Pois emquanto durou a peça, (3 horas!) esteve a nuvem suspensa sobre o theatro, só começando a cahir a chuva, que foi torrencial, quando todos se achavam recolhidos em suas casas.

A historia de sua vida, assim impregnada de perfume, envolta em um halo de celestes fulgores, chega até nossos dias como um sorriso da graça de Deus.

E pensamos: em ambiente propicio ás suas altas faculdades de espirito, elle teria sido um poeta de singular projecção, um grande intellectual.

Mas não teria sido, nunca, sinão sob as bençãos do cruzeiro do sul, o santo, o nosso santo, aquelle que havemos de ver dignificado nos altares da Egreja a que tão bem soube amar, e em cujo aprisco tantas ovelhas arrebanhou.

HENRIQUETA LISBÔA

CANTO DO VIAJANTE ESTRANGEIRO

POR

MURILLO ARAUJO

ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

EU sou o viajante de paiz desconhecido.
Não encontro ninguem do meu paiz.

Os que viajam commigo
palestram rindo em tom cordeal de bons amigos.
Só eu não fallo essa linguagem,
só eu não sei o que ella diz.

Nas estações pedem, com termos que acho estranhos
os grandes fructos saborosos como beijos;
compram a primavera em ramos lindos
que os embriagam com o perfume bom...

Eu, o viajante estrangeiro,
eu invejo esses gozos ---
eu, a sós com o desejo,
immovel escutando a fuga surda do wagon.

Pelo caminho as jovens passam. Risos claros.
Não são, porém, do meu paiz.
E viajarei até o final sem nos fallarmos
porque não tenho na memoria a chave magica
da palavra, que, ouvida, me faria feliz.

Sou de outro reino, onde se falla em melodia
intraduzivel neste mundo para alguem.

Fallo a musica das ondas, fallo a musica dos passaros...
Uma estrella do céo porém me entenderia,
porque no céo é assim que se falla tambem.

A Grande Semana

(ESPECIAL PARA *O MALHO*) — ASSIS MEMORIA

MAGNA HEBDOMADA. E' assim que as Letras Santas denominam a proxima semana, este septenario sagrado em que se commemora o drama, sempre commovente, do Calvario. Começa pelo Domingo de Ramos. E' o dia do triumpho, a solemnidade da victoria, precedendo a hora angustiada do Gethsemani, o itinerario doloroso da rua da Amargura, a subida, emfim, do Golgotha, a montanha penitente, o vertice luminoso da magua suprema e do supremo sacrificio.

. . . .

A's vesperas do dia inicial da semana da agonia, naquelle sabbado presago, Jesus, de caminho para Jerusalém, repousara na ridente Bethania, o doce recanto biblico, collocado entre platanos e olivaes.

Era a despedida de amigos, como Lazaro, a quem o mestre resuscitara de um jazigo de quatro dias; de Maria Magdala, a quem resuscitara de um tumulo de miserias, numa vida inteira de peccados e abominações, e de Martha a quem, por entre os affazeres domesticos, fizera a apologia da vida eterna sobre o ephemero da existencia humana.

No dia seguinte, um sol festival e fulvo enchia, de pulverizações d'oiro, a estrada, a ampla via, que levava a Jerusalem, a cidade sagrada, ás vesperas fataes de se tornar a cidade maldita, que mata os prophetas, peor do que isto, a estancia sacrilega de um atroz deicidio.

Sempre sereno, o Mestre, acompanhado dos doze principaes discipulos, encaminha-se para o local do martyrio. E' assim uma como jornada fulgurante para a morte e para a gloria.

Ia terminar, de modo sangrento, a carreira que iniciara entre bençãos e proseguira através de ovações. A manhã augural era, por um contraste da sorte, por uma ironia do destino, o prenuncio sinistro da hora apocaliptica do reinado das trevas. Aquella luz estonteante e feerica annunciava, todavia, a escuridão de uma noite, cumplice do crime, testemunha cruel de negra ingratidão. Ao chegar ás portas da cidade, enorme e rumorosa multidão avança, entre canticos sacros e clamor de sagrada alegria. Um ruido de apotheose saúda o Christo, ao mesmo tempo que palmas e flores, ramos floridos e galhardetes enfeitam o caminho e cobrem o leito das ruas. E tal e tanto, e tanto e tamanho é o enthusiasmo das turbas em delirio, que os phariseus, os hypocritas inimigos do Mestre, reclamam d'Elle que "faça calar aquella gente". Ao que Jesus observa, sempre calmo e sorridente: "Si este povo se calar, as proprias pedras clamarão."

E a marcha triumphal prosegue, rumo do templo maximo de Salomão, de onde o Mestre, no auge da revolta, expulsa os sordidos mercenarios, os vendilhões sacrilegos, que rebaixaram a casa de Deus a balcão de negocios vis.

Por entre as acclamações, ouve-se, distinctamente, a homenagem suprema expressa a toda a voz: "Hosannah ao Filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor!"

Era o estribilho da alegria e, tambem, o grito eloquente da verdade. E o vencedor atravessa a multidão prosternada, abençoando-a, enchendo-a de beneficios espirituaes e corporaes. Não era, porém, um general romano voltando victorioso dos confins do Imperio e fazendo rolar as suas carretas de guerra através da *Via Sacra*, na Roma antiga. Não era, por igual, um poeta coroado de loiros atravessando a *Via Appia*, afim de receber, no Capitolio, a consagração do genio. Não! Estes triumphadores traziam nas pontas das suas lanças, nas cordas das suas lyras, o emblema fatal da morte. Uns haviam trucidado corpos, os outros haviam sacrificado almas, com o veneno das suas composições. Este Vencedor dominara pela bondade, impuzera-se pelo amor, triumphara pela misericordia. Os primeiros deixaram, no seu sulco, a desgraça e o horror. Este semeara, apenas, risos, perdão e allivio. Quão differentes, oh Jesus, são os teus triumphos, as tuas victorias da gloria ephemera e, por vezes, maldita dos mortaes!

O DRAMA DA PAIXÃO

Uma scena do julgamento de Christo, tal como se representa na famosa aldeia allemã.

O apostolo João

A entrada de Christo em Jerusalem no drama de Oberammergan.

Maria Magdalena

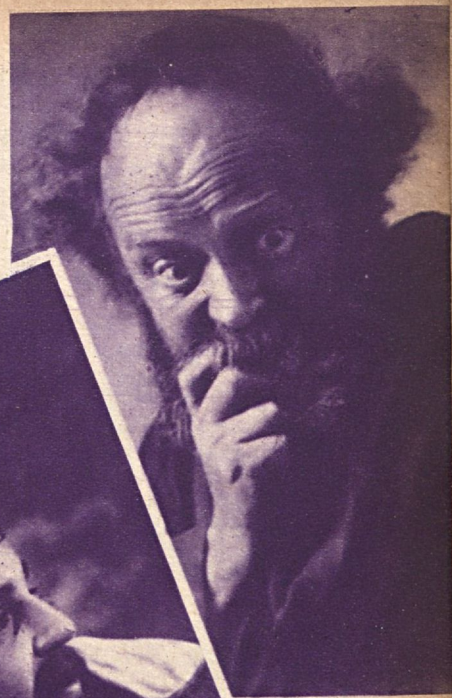
O apostolo Pedro

A pequena aldeia de Oberammergan, suspensa nas encostas do monte Ammer, nos Alpes bavaros, gosa de celebridade mundial, pela representação da tragedia do Golgotha que ali se realiza, de 10 em 10 annos. O drama

da Paixão e Morte é apresentado, na pequena aldeia allemã, com côres de realidade nunca vistas, em qualquer outra parte, por actores especialmente educados para os respectivos papeis e cuja semelhança physica com as estampas classicas das personagens biblicas, conforme se vê das nossas photographias, é impressionante. Essa representação se vem fazendo, desde 1634, em cumprimento de uma promessa para que cessasse a peste que dizimava, de 1632 a 1633, a população de Oberammergan. Este anno, commemora-se, pois, o terceiro centenario desse acto de fé. Só por isso é que se promove a

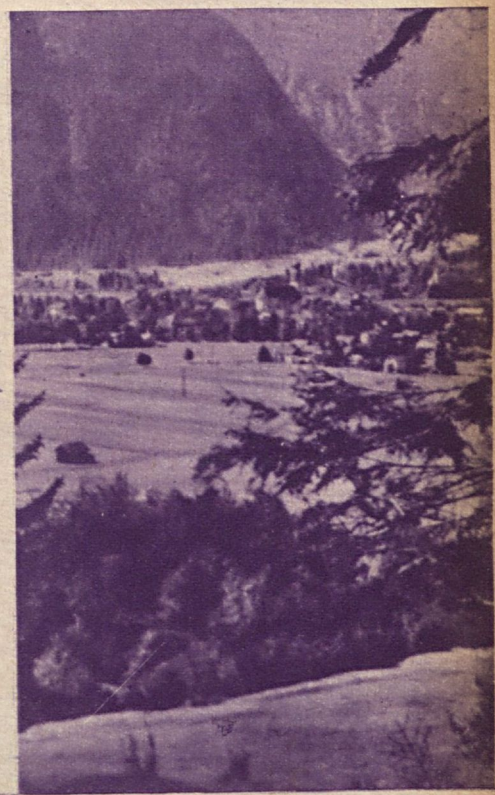
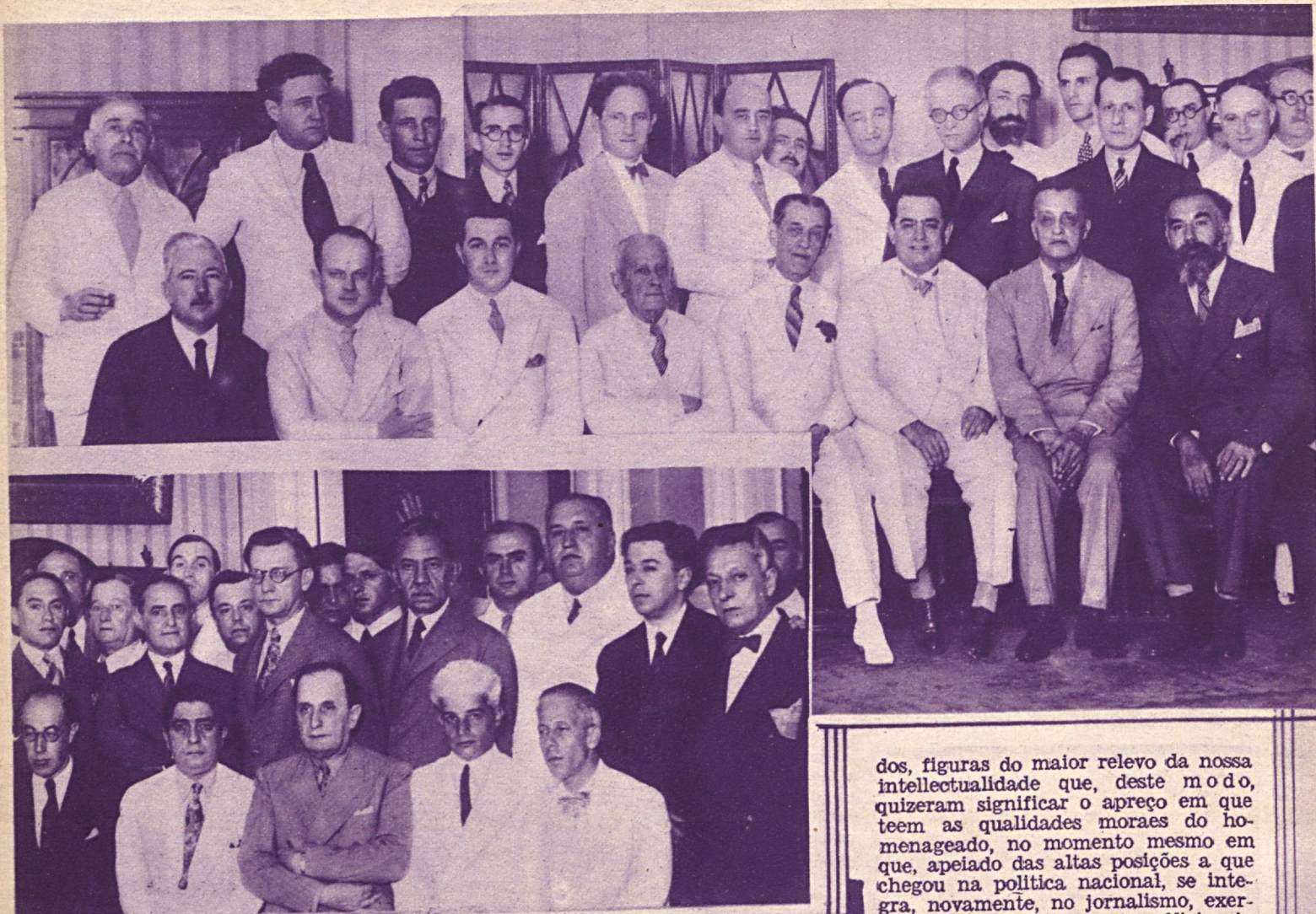
DE OBERAMMERGAU

Maria de Nazareth

O grão-sacerdote Caiphaz

Judas

Pilatos, o procurador da Judéa

Christo

representação em 1934, visto como a ultima se verificou em 1930. Tratando-se de uma commemoração especial, os scenarios foram augmentados para poder comportar a formidavel massa de peregrinos christãos, vindos de todos os cantos do globo, no meio dos quaes se costuma encontrar os mais altos dignitarios da Egreja de Christo.

A aldeia de Oberammergan onde se realiza a grande representação da tragedia do Golgotha.

O almoço offerecido, no Palace Hotel, ao jornalista Costa Rego, commemorando a passagem do seu anniversario natalicio, constituiu uma admiravel festa de cordialidade e de intelligencia.

Nella tomaram parte politicos, jornalistas, advogados, figuras do maior relevo da nossa intellectualidade que, deste modo, quizeram significar o apreço em que teem as qualidades moraes do homenageado, no momento mesmo em que, apeiado das altas posições a que chegou na politica nacional, se integra, novamente, no jornalismo, exercendo-o, com brilho, com efficiencia e com dignidade. Saudado por innumeros oradores, Costa Rego teve occasião de pronunciar bellissima oração, exaltando o papel da imprensa nas democracias e terminando por uma emocionante invocação á sua altiva terra alagoana.

DANSAS CLASSICAS

NÃO é muito commum isto no Rio de Janeiro: a Escola Padua Soares inclúe no seu programma educativo a choreographia. São dois aspectos de bailados executados pelas alumnas mais adeantadas que a illustração aqui nos mostra. A dansa, sabidamente, é uma escola de harmonia e bom gosto, de perfeição e belleza.

O Egito e as Múmias

Paul de Saint-Victor escreveu
Jorge Jobim traduziu
Osvaldo Teixeira ilustrou

O paganismo helênico consome o corpo numa fogueira triunfal; do cadáver, faz uma linda chama. O homem dissolve-se como o diamante, sem que deixe após si nenhuma das escórias da destruição.

O judaísmo e o cristianismo tratam com mais dureza os despojos humanos; entregam a carne á terra; lançam-na desnuda e sem defesa aos vermes do sepulcro.

Sómente o Egito empreende lutar contra a destruição. Êsse cadaver, que os outros povos entregam á terra que conspurca, ao fogo que devora, êle o saturou de incorruptíveis aromas; êle enfaixou sua forma precária, e arrancou-o, sequestrando-o, ás metamorfoses da corrupção. Fêz do morto uma Múmia, isto é uma estátua talhada num bloco de perfumes.

A cidade fúnebre possue suas hierarquias: as múmias teem sua aristocracia, sua burguesia e sua plebe. Um bando de cabeleireiros, de pintores e de ourives esfervilha em tôrno do corpo do rei, do sacerdote e do rico; nimbam-no de cabelos postiços, põem-lhe no queixo uma barba em trança, inserem olhos de esmalte nas cavidades de seu rosto, preparam-no, para o túmulo, como para a alcova nupcial de uma divindade. Êsse preparo fúnebre tresdobra de delicadeza e luxo em se tratando de mulheres: elas possuem seu gineceu na cidade mortuária, e suas formas encantadoras, trabalhadas por mãos de artistas, aí se metamorfoseiam numa vaga mescla de essências e joalheria.

Douram-lhes os seios como se fossem taças, as unhas como se fossem anéis, os lábios como se fossem colares. O embalsamador as esculpe em graciosas e castas posturas: quase todas trazem piedosamente os braços cruzados sôbre o peito; algumas há que ocultam com as mãos ambas os mistérios de sua beleza: Venus de Médicis do sepulcro. Mais tocante ainda, certa mãe exumada em Tebas aperta ao coração uma múmiazinha de criança recém-nada. Aqui o embalsamamento ultrapassa a escultura: não é numa matéria insensível, é na propria vida, na carne, no que sofreu e palpitou que foi talhado êsse grupo maternal.

As múmias de segunda classe são encerradas em envólucros menos ricos e sob mais grosseiros sudários; os pobres e os escravos, enfardelados á pressa em cestas de ramos de palmeira. Tem-se muitas vezes comparado as bibliotecas e cemitérios; poder-se-ia aquí inverter a comparação e aplicá-la estritamente á necrópole egipcia. Não são livros porventura essas múmias perfiladas ao longo dêsses muros, com seus sudários de papiro e seus estojos cobertos de legendas e hieroglifos? Umas, magníficamente encadernadas, contam as glórias da realeza e os mistérios do sacerdócio; as outras, revestidas de cartonagens vulgares, só encerram os segredos da vida comum; as últimas, enfim, brochadas sob um vil envólucro, não dizem senão a miséria e a nudez da escravidão perpetuadas além-túmulo.

Ha, porêm, uma igualdade que o velho Egito reconhece: é a da conservação na morte. O embalsamamento alcança tanto o pobre como o rico; o escravo que trabalha, sob o látego do inspetor, em troca de um salário de três cebolas cruas, na pirâmide, e o Faraó que a faz construir para nela instalar seu esquife. Os estropiados, os leprosos, os entes deformados pela elefantíase não escapam a essa salga implacável; possuem sua gafaria na cidade fúnebre, onde embalsamadores especiais salgam e preparam suas carnes purulentas. O próprio féto é mumificado: o que não chegou a viver simula sobreviver. Que digo? essa loucura sagrada vai além da espécie humana; ela se estende aos animais, aos pássaros, aos peixes, aos insetos, ao que passou no mundo sem nele deixar mais traços do que uma pégada na areia, um ninho no ramo, um sulco nas ondas do Nilo. São embalsamados os gatos, os cães, os crocodilos, os ratos, os escaravelhos, os musaranhos, os ovos das serpentes. A mais insignificante, a mais fugitiva gota de vida, fixada por uma atmosfera de arômatas, cristaliza-se, torna-se eterna. O Egito insurge-se contra a lei da natureza que quer que tudo entre, que tudo se dissolva na química universal que renova a matéria; aceita a morte, mas proíbe-lhe que destrua. Ao seu poder de corrupção opõe uma farmacopéia enérgica, uma obstinação secular, uma teologia que se poderia definir: a higiene sagrada do cadáver.

Mas onde abrigar essas gerações imóveis que ocupam, na morte, tanto lugar quanto na vida? O Egito não recuou diante do problema; êsse povo embalsamador se fêz coveiro: inventou uma arquitetura subterrânea que reproduzia, majorando-as, as enormidades de sua arquitetura exterior. Imagine-se um homem cujo olhar pudesse devassar o solo; teria êle, no Egito, a horrível visão de um mundo subterrâneo correspondendo ao mundo de fóra, dez vezes mais vasto, cem vezes mais profundo, mil vezes mais povoado. Cada cidade se prolonga em necrópole, cada casa é tampa de um poço mortuário; debaixo dos pés de cada homem que passa estende-se como sua raiz, nas entranhas da terra, uma fila superposta de múmias cuja ponta mergulha em profundezas insondáveis. O Egito não é mais do que a fachada de um sepulcro imenso; suas pirâmides são mausoléus, suas montanhas colmeais de túmulos; o terreno dá um som cavo em suas planícies, epiderme de vida estendida sôbre um ossário gigantesco. Para alojar seus cadáveres, o Egito se converteu êle próprio em cemitério; como que se dedicou á Morte.

Os jogos, as caçadas, os festins, as batalhas, todo o poema da vida, esculpido e colorido com uma grandiosa elegância, está sepultado nessas catacumbas. E êse luxo da arte está alí apenas para recrear os olhos de esmalte ou de papelão pintado de uma múmia! Nenhum olhar de vivo profana êses museus cripticos. Os pintores e os escultores que o decoraram da base ao capitel trabalharam para a noite e para o silêncio. Mal o corpo baixava, a porta desaparecia sob blocos de rochedos. A montanha se fechava sôbre o palácio fúnebre; como que o devorava, como que o digeria, como que o assimilava á sua massa árida. Êle não existia mais senão no roteiro dos sacerdotes, únicos geógrafos do mundo sepulcral.

SUICIDIO

Conto inedito de FELIPE D'OLIVEIRA

Chamavam-na **Loira,** apezar de ter castanhos os cabellos e de marfim velho a pelle. Tinha uns olhos tristes, quando não olhavam. Assim, eram parados de uma immobilidade que seria pensativa si se acreditasse na sua paciencia de estar a pensar, tão mais difficil do que sentir. Entretanto, quando olhavam, quasi sorriam. Tinham esta unica perfeição — olhar. Tornavam-se felizes, maravilhados, e derramavam na face toda uma restea de doçura que transbordava depois e envolvia as creaturas e as coisas num halo de afago e de repouso.

Com outros olhos, mesmo que fossem maiores e mais insistentes, o violinista do "cabaret" não encontraria motivo para deixar-se olhar com ternura nem para perguntar-lhe o nome.

— ... Loira, por que?

— Ora, por que... E si eu lhe disser que já tive os cabellos differentes? Mas não foi por causa dos cabellos.

— Então por causa de quê?

— Uma historia. Não tem importancia. E o senhor como se chama?

— Albano.

— O nome não é feio. Não quer dizer nada, para a gente poder perguntar: Albano, por que?...

— Você tem graça.

Graça... Não era graça. Era o prestigio dos olhos, a doçura macia das pupillas, o torpor das palpebras lentas, com cilios lustrosos e compridos que punham uma sombra violeta na lividez das arcadas.

Era só isto.

O pianista fez o primeiro accorde do tango annunciado e Albano, emquanto movia o arco com o gesto mecanico e indolente de quem sabe de cór, ficou a reflectir que, sem ser loira nem bonita, aquella rapariga era extranha.

E de que modo o olhara... Sem mais a ver, ainda sentia, por dentro, uma caricia tepida, a que se abandonava, envolvido, como quando, a horas mortas, lhe entrava pelo quarto, atravez o jasmineiro, a aragem embalsamada de alguma noite de verão. Esta imagem tocou-o physicamente e veiu acordar uma antiga melancolia, ha tanto tempo a acompanhal-o na sua existencia de solitario pobre.

Era triste aquella monotonia, no quarto quieto de rez-do-chão, sem horizonte e escuro até nos dias de grande sol, que o não banhava com fartura porque o jasmineiro do pateo punha á janella um toldo espesso de folhas. Havia de ser tão bom um pequeno romance. Um corpo desejado que chegasse, cansado da pressa de chegar e abrisse a porta sem bater e nada dissesse ao abandonar-se ao seu abraço, com a bocca comprimida pela sua, longamente. E depois, quando viesse a noite, á luz escassa da lampada ou simplesmente á claridade dos astros complacentes, uma alma a ouvir-lhe a commoção de repetir no violino uma dessas confidencias inuteis que certos musicos infelizes deixaram... Sobretudo, isto: alguem com quem pudesse repartir a sua alegria de artista humilhado que pagava de amarguras com o consolo de saber encher o coração de sentimento.

— Albano! olha o compasso!

O pianista corria os dedos afflictos pelo teclado no esforço de ir-lhe ao encalço e o homem da clarineta mais apertava os labios franzidos, completando em sopro a censura que as sobrancelhas e as bochechas esboçavam.

Quando a orchestra parou, a sala começou a esvasiar-se.

A senhora gorda da caixa deixou o estrado elevado, ageitou no alto do penteado o chapéo de pluma vertical e murmurou o **m's noites** da sahida geral.

Embaixo, na escada, os olhos da Loira olhavam Albano.

Elle a buscara, dissimuladamente, em toda a parte. No corredor, precipitou o andar para adiantar-se a um vestido **gris**... Não era...

A Loira, entretanto, demorara a vestir o **manteau.** Os degráos faziam-se faceis aos passos de Albano. Os ultimos, porém, foram vagarosos, porque esperavam uma phrase que não chegava, um principio de conversa que não occorria. Mas o olhar bom e tranquillisante encorajou-o:

— Então, já vae?

— Havia de ficar sózinha, lá em cima?

— Você tem razão. Não era isto. Eu queria perguntar si você vae só...

— Não. Vou com...

— Ah! Pensei...

— Vou com você. Quer?

Fóra, no cimo da noite, ao longo da estrada de São Thiago, era presente toda a infinita theoria das estrellas. E ellas brilharam esta noite com uma luz promissora de ventura dentro do coração do violinista que, de resto, nem nas viu, ou, então, as viu, incontaveis, reflectidas na chamma suave de dois olhos...

— Ora viva o sol!... Pela primeira vez, viva!

Despertado pela insistencia do sol a bater-lhe os travesseiros, Albano a principio não comprehendeu que voltas dera aquella teimosa mancha de claridade para vir acordal-o.

A bandeira curva da janella escancarava-se em bocca de tunnel. Mas antes de perceber a abertura por onde entrava, a jorros, a claridade de manhã, Albano olhou a cabeça de Loira abandonada sobre seu braço. Os cabellos tinham tons refulgentes: no torçal embaraçado dos fios castanhos faiscavam pequenos pedaços de ouro; e, nesta moldura sedosa, a face tocada da beatitude de um somno cansado e sereno, irradiava alguma coisa de luminoso, talvez um halito visivel de felicidade.

Só mais tarde, ao abrir as gelosias, foi que descobriu que haviam cortado o jasmineiro, na vespera.

— ... O que não impede de pensar que a Loura trouxe o sol para o meu quarto...

E trouxe. Mais do que elle previra. Mais do que para o ambiente da alcova taciturna, sempre invadida de crepusculo humido, mesmo quando lá fóra as arvores penavam ao fogo dos estios. Porque, o que o alegrava, sobretudo, era a sensação de claridade interna.

Antes, nas horas desoccupadas, parecia-lhe não ter ligação estreita com o tempo. Como nunca lhe acontecera nada, era natural que nada esperasse, de melhor ou de peor.

Agora, si estava só, ansiava por que os minutos fugissem: si fechava os olhos, via alguem. Alguem lá estava, lá... Alguem o acompanhava, o acompanharia. E que não o acompanhasse... Teria permanecido; mudar-se-ia em recordação...

Mas os melhores momentos era á volta do **cabaret.**

Na rua, quasi não falavam. Sobraçando o violino, do outro lado o corpo da Loira, junto ao seu, Albano preferia seguir, em silencio, as sombras do par nocturno que os lampeões faziam cahir sobre a calçada.

Era o seu, aquelle contorno escuro de vulto, enlaçado a outro vulto, de mulher... As sombras cresciam durante alguns passos, corriam para traz e se tornavam, depois, menores e de novo se estiravam a cada novo reverbéro do caminho... Por instantes parecia que a projecção gigantesca cobria a metade da terra ou então queria ascender ás estrellas subindo pelas fachadas adormecidas.

Albano achava que o seu romance, á feição dos desenhos moveis com que ás luzes da rua a noite o illustrava, enchia a terra, galgava ás estrellas e por conseguinte havia de ser eterno e egual. Outro não viria disputar-lhe a Loira, que nem era loira nem bonita. Bonita... Sim, bonita, mas porque era sua...

Demais, ninguem percebia a sua ventura, a não ser a senhora gorda da caixa que, um bello dia, se atreveu a dar á Loira um conselho infamante:

— Nunca has de ser nada, rapariga, com este teu gosto estragado, pelos pobretões. Larga o da rabeca e dedica-te á politica ou ao commercio. Vês a Biló, com o senador? Já tem collar e regalo de raposa...

Oh, a megéra...

Pois foi ella o máo agoiro, foi ella o azar. Não que a Loira a tivesse escutado. E' que Albano começou a odiar a mulher da caixa. Aquella figura dilatada, que atulhava a sala, guindada ao banco pernalta, sempre defronte de sua estante de musica, terminou por inundar tudo, as suas retinas, o seu pensamento, os seus nervos. Mudou de posição. Teve-a pelas costas, mas a mesma sensação desagradavel persistia, aggravada por um novo mal-estar, uma especie de medo de esmagamento, por avalanche. Dahi, de certo, o pesadelo horrivel em que elle se viu transformado em touro, supportando uma mulher descommunal, maior do que um sobrado e que lhe comprimia violentamente o pescoço pelludo com duas coxas nuas, formidaveis e flacidas. O peor foi que, quando despertou, quasi asphyxiado, tinha o rosto mergulhado no seio da Loira, que lhe apertava nos braços a cabeça...

Justamente no dia seguinte, o desastre se desencadeou. Não foi possivel supportar aquillo. Quando deu com o cavalheiro de frack em attitude de confidencia ao pé da caixa, e quando a gorda chamou a Loira para apresental-a, com um ar cumplice, besuntado de vicio, Albano sentiu que uma nuvem de fogo o cegava, o suffocava. E o que fez foi sem que o seu cerebro commandasse.

Só na rua, depois, começou a ter noção das coisas, ao ouvir os soluços desesperados da pobre rapariga.

— Meu amor, eu não tive culpa. Eu nem disse nada. Tu sabes que eu só gosto de ti. O que tu fizeste!

O que Albano fez... Nada com a Loira. Deus do céo! Nem mesmo o impeto raivoso de puxal-a para abrir caminho sobre o odioso homem e arremessal-o contra a mesa ao lado. Tudo com a gorda, a réles.

Vibrava ainda o rumor de suas palavras descompassadas em cujo tumulto repercutiam com mais força os nomes de **obcena e caftina.** Resurgiu o gerente, conciliador, attencioso para o freguez, a sugar com o lenço a cerveja gottejante do frack fatidico e a declarar ao "caro senhor" que o violinista seria despedido.

— Despedido, nada! Eu é que não volto mais a este antro, **seus** canalhas!

Esta replica de encerramento fazia-lhe bem, agora, recordando a valentia decisiva com que a gritou.

Afinal, elle tambem sacrificara alguma coisa. A Loira tivera a coragem de acceitar a sua pobreza e repellir os conselhos aviltantes; elle teria coragem de tentar a vida de outro geito. De qualquer geito!

E, em plena rua, apertou contra si a figura tremula da amante, fechando-lhe a bocca com um beijo alliviado, que as duas sombras unidas repetiam até o extremo da calçada.

* * *

Pelas semanas que se seguiram, Albano não julgou que houvesse andado mal. Mas verificou que a vida era difficil. Havia sempre uma occasião ou outra, de tocar. A doença do **violino** do cinema deu-lhe dez dias de salario. Uma companhia de comedias, em transito e que quiz orchestra para os intervallos, garantiu-lhe uma quinzena.

Depois, foi o relogio. Depois, a Loira não usou mais a pulseira no braço esquerdo nem a pequena turmalina verde no dedo minimo.

Depois... Ah, depois, sempre a mesma incerteza de cada dia, a mesma duvida a cada manhã nova, fazendo lembrar a urgencia de repetir esforços inuteis ou quasi inuteis.

Albano não se queixava. Intimamente é que considerava com amargor a aventura quotidiana atraz da sorte esquiva.

— Não ha duvida que o susto da miseria até atrapalha o querer-bem.

... Porque elle passava horas sem pensar na Loira. Sem pensar **seguido,** está claro, pois pensava do mesmo geito, quando tinha tempo de pensar.

— Coitadinha! E dizer-se que ella é a culpada. Sem querer, mas é...

Esta idéa entristeceu-o. Injustiça. Tal idéa (feia... malfeito, ter tal idéa) veiu-lhe uma tarde em que encontrou, por acaso, o gerente. Não poude evitar

que o homem o visse. Não desejava ser visto. Principalmente por causa da roupa e dos sapatos, em decadencia irremediavel. Mas o homem não reparou. Até cumprimentou, como si nada tivesse havido.

— Si o caso não fosse com a Loira, eu era capaz de voltar ao **cabaret.** Ah! mas isto, nunca. Antes morrer de fome...

Passou-lhe um arrepio pela espinha. Essa possibilidade da fome, antes, não lhe occorrera. Ainda elle, vá, que rebentasse. A Loira é que não! Ella, que poderia ter tido collares e regalos de raposa... O certo é que sózinho não se soffre por dois...

Albano parara justamente a uma **vitrine** de joalheiro que lhe recordara, sem rancor desta vez, a phrase perversa da gorda.

Um transeunte deteve-se cauteloso. Albano, percebendo-o, voltou-se, brusco, como quando alguem, vem ler pelas costas o que se está escrevendo.

— Si você está com idéas de comprar em casa de judeu, não me animo a propor um negocio que tenho para você.

— Oh, é você! Como vae, homem?

— Como quem o procura desde hontem. Soube que você deu para aventuras. Estive no **cabaret** a ver si lhe falava e lá me contaram o seu drama de capa e espada.

Albano apertou, affectuoso, a mão do violinista, seu unico camarada entre toda a gente de orchestra com quem tocara, por toda parte.

— Historias, Leoncio. Coisas da vida. Para que diabo me procura você?

— Lembrei-me de você para o caso de um contracto. Offereceram-me um logar, na Capital. Vantajoso, com viagem e despesas pagas. Eu não acceito, por causa da familia, dos filhos. Aqui eu sempre me arrumo. A mulher ajuda, com a costura. Você é que está optimo. E' sózinho, já falei em seu nome, em seu merito. E' logar de dar na vista, da gente se fazer. Com seu talento, é facil. E é certo o contracto, si você quizer. Você está vacillando, homem. Occasião unica, meu velho. E' agarrar a sorte pelos cabellos, emquanto ella não foge. Vamos já cuidar disso.

* * *

Ao voltar ao quarto, quasi clandestinamente, Albano respirou, desopprimido, estirando-se na cama. A Loira não voltara ainda. Teria tempo e recolhimento para ganhar forças de resistir aos escombros que a nova esperança reclamava á fragilidade de sua penuria.

Elle resolvera partir. Partir só. O contracto estava concluido e não era possivel leval-a. Não era bem partir só. Ia **na frente,** a ver si convinha e si era possivel chamal-a... A Loira não teria razão para discordar. E si discordasse... Elle é que não tinha o direito de aniquillar a existencia da rapariga, nem de amarral-a á sua miseria. No fundo, a gorda tinha razão. Não, não tinha. Elle não seria capaz de estar ahi a arranjar desculpas para si mesmo. A Loira ficava esperando. Ella iria... si tudo corresse bem. De momento, não havia remedio.

Um cansaço de fim de luta tomou-lhe o espirito e o corpo. Não valia a pena concertar phrases, que não diria e que significariam todas a mesma verdade difficil e necessaria.

O crepusculo progredia em tons de fumaça no céo fronteiro á janella aberta. A quietude da casa e o ar morno de chuva proxima entravam sob a fórma de bruma côr de chumbo. E, á oppressão da penumbra carregada de torpor, — Albano adormeceu.

O que mais custou a Albano foi a humildade derrotada, o silencio de aniquillamento com que a Loira ouviu o seu monologo penoso e arrastado.

Nunca mais poderia sahir-lhe da cabeça a memoria daquelles olhos parados nos seus, collados ao fundo de suas retinas. Em vão evitara-os, fitando o soalho; em vão fechara os olhos, durante os demorados suspiros em que seu pensamento vacillante buscava refugio para dar tempo a que as palavras chegassem com o mesmo thema obscuro, desencorajado, da separação. Na pasta avermelhada e translucida da claridade coada atravez as palpebras cerradas, aquelles olhos de pasmo, doloridos, persistiam como a expressão visivel de um grito de dôr suffocado.

Mais tarde, altas horas, Albano adivinhou, na quietude oppressiva de sua insomnia, o primeiro queixume, quasi inaudivel, murmurado num soluço de bocca apertada ao travesseiro.

Ao estremecimento de uma caricia timida, receosa do amante, a Loira não poude conter a sua angustia.

O resto da noite foi de pranto. Mas, no escuro, as lagrimas não eram da voz, nem dos olhos. Era uma melopéa confusa, em que parecia haver um bater continuado de gotta espessa e quente no coagulo de uma póca. Era o coração que sangrava. Era toda a vida da Loira que reconduzia os fantasmas de seu passado de desconsolos. A infancia, a mãe desvairada de morphina, o **atelier** de costura, dia e noite e por fim os homens.

— Nunca dei para isso. Tu nem imaginas, Albano... Todos me faziam mal. Nunca pude tornar a ir com o mesmo. Nem elles queriam... não sei... graças a Deus... não me queriam... Só o primeiro. Eu tinha ficado sem ninguem. Elle ia buscar-me todas as tardes e dizia uma porção de coisas que ninguem me dizia. Foi elle que me chamou **Loira** por causa de uma cigana que lhe leu na mão, dizendo que elle gostava de uma rapariga loira. Eu achei o nome bonito e todos começaram a chamar-me assim. Foi o unico. Mas não penses que era como tu. Quando elle morreu, foi como quando um amigo morre. Não sei si tu entendes: uma tristeza, uma falta, um vasio que me doia na cabeça, uns impetos de chamar, para falar, para ouvir, para não ficar sózinha... Não era isto, de agora, no coração, na garganta, no corpo todo... E' como si eu morresse, como si eu fosse morrer! Morrer é melhor, ha de ser melhor! Que é que eu vou fazer de mim?...

* * *

Albano conservou-se insensivel ao sol claro da manhã e ao panorama das ondas morrendo na costa elevada. Debruçado sobre as vagas que a marcha do navio encrespava de espumas, o seu olhar não via nem o mar desdobrado, nem a terra proxima. Via para dentro.

O somno da primeira noite a bordo não interrompeu a sequencia da idéa fixa. A ultima visão da Loira voltava com uma intermittencia tão isochrona que o seu subconsciente terminou por estabelecer uma referencia material: um ponto roxo marcado na espessura de um enorme disco girando horizontalmente, com lentidão, mas sem parar.

O ponto roxo obsedava-o. As ultimas horas, os ultimos beijos, as ultimas lagrimas, o adeus angustiante á porta do quarto resuscitavam e passavam. Mas, entre cada pensamento, no giro continuo vinha o vestido roxo da Loira em pé, á beira d'agua, diminuindo, esvanescendo, desapparecendo e, depois de invisivel, a brotar fulminante, dentro da sua imaginação e a mover-se em curva de quéda, do caes para a superficie das aguas.

A Loira pedira-lhe que olhasse a linha da velha praça á beira-rio, até que a distancia desmanchasse. Ella iria para lá antes do vapor levantar ferros, e ficaria emquanto o tivesse á vista.

A distancia desmanchara todos os contornos e ainda Albano não se afastara do mesmo sitio. O brado rouco da Loira, chamando a morte, ecoava no silencio luminoso e gerava aquella intermittencia de ponto roxo deslocando-se em curva de quéda.

Pelo resto do dia, pela noite, pelo somno, pelo despertar, o medo desse desfecho descreveu, infatigavel, o seu **ritornello** monotono e obsedante.

A approximação do primeiro porto, ao fim dessas trinta horas de panico, exacerbara a sua incerteza.

Por vezes, irritava-se.

... Si não fosse a idéa mortificante, a tristeza de tudo acabado, teria a sua face de consoladora e nostalgica melancolia... Essas pequenas novellas acabam, apenas, para illustrar a biographia de um pouco de sentimento. Acabam quando têm de acabar. A vida é que dispõe. Elle amara-a. Déra-lhe uma felicidade que ella propria concordou não ter tido outra assim, immensa. O certo é que ninguem póde viver a **sua** vida. Têm-se que viver a vida. Ah! mas esse final de desespero era impiedoso! E a ansia de não saber era insupportavel, com a visão do ponto roxo em curva de quéda, resurgindo no giro inexoravel...

Albano desceu para terra muito depois do vapor haver atracado. Esperou, porque, si tivesse **acontecido,** Leoncio telegrapharia.

De repente, lembrou-se dos jornaes. Os jornaes da manhã dariam noticia. Um suicidio assim interessa.

— E' horrivel! E' macabro!

Esta lembrança arremessou-o, em poucos minutos, á rua do porto.

A commoção de abrir o jornal do dia fel-o oscillar sobre as pernas, encostado ao kiosque do vendedor.

Na columna de telegrammas, achou logo as noticias de sua cidade. Cifras de exportação, um incendio, factos politicos, um homem morto, a tiros, num botequim.

— Nada.

As duas syllabas, articuladas em meia voz grave, resoaram-lhe como uma conclusão.

Não era allivio que sentia: era uma sensação de abandono e de vasio, nos nervos e no cerebro. O arremate de tragedia, com o seu acto, tomara-lhe a sensibilidade como uma volupia dolorosa, como uma droga que allucina e que embriaga. Elle incorporara-o a seu destino numa justa posição indissoluvel... Era, pois, um trecho de destino que se desgarrava...

Deitou fóra o jornal.

— Acabou-se.

Esfregando as mãos para fazer sahir a tinta ainda fresca que lhe collara nos dedos e encaminhando-se, de volta, para bordo, Albano concordou comsigo mesmo:

— Em verdade, si eu fosse fazer, disso tudo, um conto, ficava faltando um fim...

O PHANTASMA DO CAMORIM

CARLOS MAUL
ILLUSTRAÇÃO de CORTEZ

Todas as segunda-feiras aquelle automovel de luxo parava ali á beira da estrada. E a passageira saltava, entrava no matto proximo, por uma picada...

Nessa noite, como de habito, o carro parou. O motorista emboscou-o na sombra de um grupo de arvores. A dama desceu, embrenhou-se pela capoeira e desappareceu.

Um cheiro forte de lyrios do brejo saturava o ar. Perto a lagoa do Camorim fazia uma curva. Casinhotas de pescadores muito espalhadas, punham com as suas luzes mortiças de candieiros de azeite uma phosphorescencia de vida na paizagem soturna. Esse trecho de sertão carioca tinha a physionamia dos sitios propicios á superstição, á pratica da magia negra, á feitiçaria... O silencio era cheio de augurios... A's vezes um rumor de vozes parecia vir de muito longe, vozes subterraneas que nos trazem aos ouvidos espantados o dialogo mysterioso dos mortos. E fica-se a pensar em curupiras e sacys, em genios satanicos da floresta a correr, a saltar, aos gritos e vaias, atraz dos incautos... Um garoto que espreitava contou apontando para a linha do fundo da lagoa:

— Está vendo aquellas luzes?...

Havia, realmente, fócos que não se sabia se subiam da agua ou se os agitava a mão de um phantasma. E o pequeno, um molecote que podia ter quinze annos, acrescentou:

— E' um phantasma que appareceu aqui e que atrahe as pessoas que passam pela estrada... Elle está chamando...

Subito uma claridade maior mostrou o quadro: dois vultos em movimento, que cresciam e minguavam aos nossos olhos. Um homem saracoteava no terreiro. Um corpo de mulher ondulava, ora tocado por uma restea de luz amarella, ora esfumando-se na penumbra. A mulher estava núa, mas uma gaze transparente, uma especie de garoa, como que a envolvia de quando em quando.

— Não entre no matto, resmungou o garoto. Não entre...

— Que tem isso?...

— Não póde... E' perigoso...

— Por que?...

— Hoje é dia de Exú... Aquillo é "trabalho"...

E era mesmo "trabalho"... No terreiro o "pae de santo" agia para que a dama obtivesse o que pedia, o maleficio, a desgraça, a tragedia... Era o amor vingativo da cidade a buscar nas phantasmagorias o consolo para o seu odio...

OS sertanejos chamam-nas "ribançãs" ou "avoantes". Quando chega a quadra estival, os ceus de fogo se coalham de asas de cinzas — nuvem inquieta e rumorosa de aves sedentas e famintas que vêm de longe, em busca das cacimbas cavadas no leito dos riachos e das roças que ainda escondem, entre palhas seccas e hervas esturricadas, os grãos ficados da ultima colheita. Então, os cercados e as mattas se enchem de *arapucas*, de *fojos* e de *cevas*, e á tardinha, os meninos vão buscar o producto da caça dessas rusticas e pittorescas armadilhas, tal como se vê nesse flagrante que bem poderia figurar em qualquer galeria de arte photographica.

A Mulher e os Sports Nauticos

AS SENHORITAS QUE CONCORRERAM Á COMPETIÇÃO NAUTICA ORGANISADA PELO ICARAHY PRAIA CLUB, NA PISCINA DO CANTO DO RIO

CONCORRENTES DA PROVA "EDITH PINHO", VENDO-SE, AO CENTRO, A VENCEDORA, STA, ZULEIKA PINHO

ANCHIETA

Escrevendo, na areia do mar, o poema á Virgem Maria.

ANCHIETA veio para o Brasil na missão jesuitica que aqui chegou a 13 de Julho de 1553. Era, segundo a descrição que dêle faz Simão de Vasconcellos, — "de estatura mediocre, diminuto em carnes, em vigor de espirito robusto, e actuoso, em côr trigueiro, os olhos parte azulados, testa larga, nariz comprido, barba rala, mas no semblante inteiro, alegre e amavel.

Nascera em 19 de Março de 1534, na ilha de Tenerife, na bucolica cidade de Laguna, outrora capital do arquipelago das Canarias.

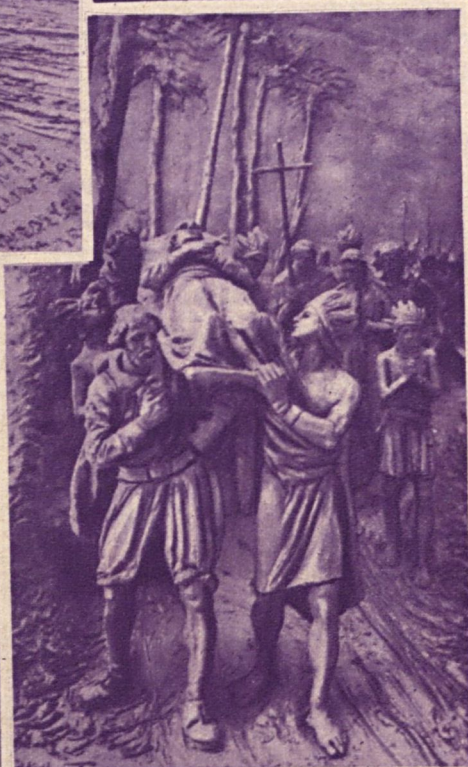
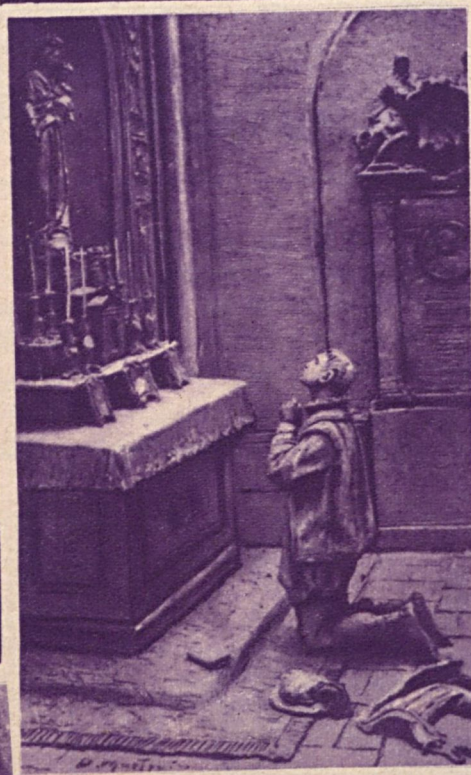
Sua vinda para o Brasil foi uma predestinação de santidade. Aqui, no seculo em que o Brasil era selva, ele teria que iluminar com os raios puros do seu espirito a rejião barbara de que foi apostolo e heroi civilizador.

Na hora em que todo o país comemora festivamente o quarto centenario do nascimento de Anchieta, é oportuno evocar-se alguns episodios que deixaram em nosso lendario vestigios da santidade do grande jesuita, doirando o perfil augusto do taumaturgo.

Exercia o jesuita o cargo de provedor de sua corporação, quando um dia manda tocar a campa do refeitorio. Acode pressuroso o dispenseiro do colejio e informa que só ha para o repasto algumas laranjas e um pouco de farinha de guerra.

Anchieta concentra-se e reza. Casualidade ou milagre, o certo é que, momentos após a sua oração, tilinta a sineta da portaria. O porteiro corre a ver quem entra. Quando chega ao vestibulo, que encontra ele? — Um grande cesto de mantimentos enviado por José Adomo, um mareante genovês que se fizera grande amigo dos padres. De outra feita — conta Celso Vieira — estava ele como provincial no colejio da Baía quando se verificou grande falta de peixe. Então assomando á janela, disse ao lançador, mostrando-lhe certo ponto da barra:

— "Vai para aquele lado e lança a tua rêde".

O homenzinho sabia que o tempo não era propicio. Em todo o caso obedeceu. Lançou a rêde. E oh! milagre! O cardume afluiu e a canoa voltou transbordante.

O corpo de José de Anchieta é transportado para a Capella de São Thiago, onde foi sepultado.

Na Sé de Coimbra, ajoelhados deante da imagem da Virgem Mãe, Anchieta faz o voto de castidade.

A presença de Anchieta, depois de algumas revelações como essa, passou a constituir uma aparição sobrenatural. Os indigenas o tinham como senhor da pesca. Seu contacto — consoante a informação de seu biografo — infundia saude e graça: "emendam-se os pescadores, advertidos; saram os enfermos, tocados por um jesto de sua mão, o sinal da cruz, ou por um escrito, um barrete, um crucifixo, um relicario, com que se aproxima deles o taumaturgo. Magnetisados, sentindo-lhe o poder, todos se levantam, desde os mais ilustres sacerdotes — Inacio Tolosa, Francisco Pinto, Fernão Cardin — até ao indio rastejante, que se ergueu da animalidade para fitar os céus, humanescendo-se ao toque do seu bordão.

Quantos e quantos episodios de perfeita santidade não enchem as paginas da vida de Anchieta! O seu batismo purifica um leproso; o toque de suas

O apostolo e thaumaturgo do Brasil, desembarcando no logar, onde, dois dias depois, era fundada a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

mãos cura epileticos; as suas hervas dão alivio aos engasgos, aos cobrêlos, ás desinterias, aos quebrantos, a todas as torturas fisicas que repontam na selva. Ele é o medico, o adivinho, o estupendo revelador. Conta-se que, de uma feita, após uma cavalhada, dois cavaleiros disputavam o premio do torneio, que era um pato. Não chegando a entendimento, elegeram Anchieta para juiz da contenda. O jesuita aproveitando a oportunidade dirigiu-se a um menino de cinco annos, mudo de nascença, que presenciava a cena. E perguntou-lhe: "De quem é o pato?" Milagrosamente tocado pelo dom da voz, a criança respondeu: "O pato é meu". E acrescentou sorrindo, sa-

O SANTO DA SELVA

tisfeito: "Quero levá-lo á minha mãe".

* * *

S. Francisco de Assis não teria sido mais amigo das aves do que esse candido jesuita que o Brasil teve a felicidade de possuir na sua infancia barbara como um mestre de carinho e de ternura.

As aves vinham sempre procurá-lo, atraidas pela misteriosa simpatia de sua figura. Conta-nos Celso Vieira que quando o poeta andava a escrever o seu poema á Virgem, junto ao mar de Iperuy, uma avezinha esvoaçava em torno, roçando-lhe os ombros, as mãos, a cabeça.

E que, de uma feita, passeando numa canoa, recolheu um bando de papagaios exaustos que se haviam distanciado imprudentemente da terra, já sem forças para o regresso, e de novo os mandou á floresta natal.

Anchieta, ensinando aos indios e aos filhos de portuguezes, em Piratininga.

As aves sabiam retribuir essa dedicação. Certa vez, depois de haver rezado as matinas, o jesuita tomou uma canoa e foi dar uma volta na lagoa. Despontava o sol. O tripulante começou a remar. A certa altura o sol ficou inclemente. Vendo isso, um bando de garças vermelhas e guarás, que andavam ali perto, partiu ao encontro da canoa. Chegando lá, todos formaram em cima um teto protetor, uma sombra movel que acompanhou a canoa até á margem, evitando que o sol queimasse o tripulante.

Padre Anchieta, na mais authentica photographia existente nos archivos religiosos de Roma.

* * *

Um dos mais expressivos episodios do lendario anchietano é sem duvida aquele que diz respeito á morte do jesuita. Conta-se que ele saira de Rerigtiba sósinho para ver um roçado. Foi andando desprevenido, feliz, com aquela grande alma pura tocada de bondade e de graça. De repente ouviu um chamado do céu. Fechou os olhos e ficou ali deitado, dormindo, dormindo para sempre. Não havia ninguem perto. Nisto passou por ali uma das andorinhas que ele tanto havia festejado. Vendo-o estendido no chão, foi avisar ás companheiras.

Dentro em pouco, todas vinham para o local afim de evitar que os mosquitos o picassem. E ficaram velando o seu sono. Só no dia seguinte os homens descobriram o corpo inanimado. As andorinhas seguiram-no em cortejo. Assim que o padre desceu á terra, os selvagens fizeram o sinal da cruz.

E quando olharam para o ceu, viram que as andorinhas o acompanhavam, formando no alto uma cruz bem em cima do logar que devia servir de abrigo para o seu corpo e de onde elas o ajudariam a voar para a sua gloria.

A TORTURA DA FÉ

UM POEMA DA HUMANIDADE

NA velha familia dos Condes Denna de Neustil, no Tyrol, o primogenito era sempre soldado, o ultimo filho padre. Rochus, porém, nenhuma inclinação manifestava pela vida religiosa. Amava a sua terra, as suas montanhas, a sua liberdade. E começou a amar, tambem, Judith, camponeza como ele, de idéas castas e sadias. Nela e no seu amor se apoia para resistir á vontade dos seus maiores.

Frederich Kayssler e Gustav Froelich

Certo dia as aguas despencadas dos serros inundam o vale. Rochus e Judith correm a gosar o bello espetaculo, a enchente os envolve, a agua os leva... A Condessa Denna julgando o filho perdido pede a Deus que o salve que o fará abraçar o sacerdocio. Rochus salva-se por sua

Charlotte Susa e Gustav Froelich

coragem e destreza e recusa-se a cumprir voto que não fizera. Sua mãe, aflita, vae por noite tormentosa a uma capela votiva implorar o perdão a Deus e lá morre. Rochus, atormentado pelo remorso, cede á pressão dos seus maiores e toma o caminho de Roma. A imponencia e austeridade dos ritos religiosos acabam por vence-lo. Está pronto a tomar o habito, mas seu confessor aconselha-o a que volte á sua terra natal afim de vencer de vês o amor por Judith. Rochus volta a Neustil. Morrera em um

MARIO NUNES

Fritz Albert e Gustav Froelich

duelo o primogenito e para que a familia não se extinga quer o velho Conde Denna que Judith demova Rochus de seguir o sacerdocio. A moça recusa. Os dois se encontram; amam-se ainda. Ela, porém, afasta-o e chora de desespero. Procura no ermo consolação. Cáe, á noite, de um escarpamento e morre.

Rochus vê, em tudo, a vontade de Deus. Será, de então em deante, o fiel servidor do Senhor. E ele, a quem a mãe e a noiva serviram, está livre, enfim, da tortura da Fé.

"Ann Vickers", Sinclair Lewis e Irene Dunne

(DE GREGORY STUART, ESPECIAL PARA "O MALHO")

(Nova York, Março de 1934)

Sinclair Lewis, o grande novellista americano, tem marcado, sempre, em cada obra que lança, um successo authentico de livraria. Mas o triumpho literario de que, com justa razão, elle mais se orgulha, foi o de "ANN VICKERS", que mereceu o Premio Nobel de literatura. De facto, em uma semana apenas, aquelle escriptor de renome viu as mãos ansiosas dos seus patricios arrancarem das livrarias mais de vinte mil exemplares, estabelecendo, assim, um verdadeiro "record". E na semana seguinte mais dez mil exemplares se venderam, emquanto na imprensa os criticos teciam os elogios mais expressivos á obra sensacional, cheia de audacias e de emoção. Em pouco o seu prestigio atravessava as fronteiras e na França era "ANN VICKERS" editada, para um successo estrondoso. E em doze mezes a obra revolucionaria estava traduzida para treze idiomas! Esse successo, sem igual, levou a RKO RADIO a entrar em entendimento com o grande autor para transportar o livro celebre para o celluloide. Mas desde logo, os productores da RKO RADO comprehenderam que para viver aquella voluntariosa e indomavel ANN VICKERS se tornava imprescindivel uma grande figura, de sensibilidade muito apurada e para quem a arte dramatica não offerecesse segredos. Foi quando, unanimemente, concordaram em convidar Irene Dunne para o papel difficil, certos de que só ella reunia as condições imprescindiveis para arcar, com brilho, a interpretação desejada.

✣ ✣ ✣

Se "ANN VICKERS", como novella, causou successo ruidoso, "ANN VICKERS" como celluloide centuplicou esse triumpho, multiplicando as glorias de Sinclair Lewis. E' certo que a arte sublime de Irene Dunne deu mais vigor e mais intensidade dramatica á figura de excepção de "ANN VICKERS". Foi sobre isso, precisamente, que versou a palestra que com Irene entretivemos, hontem, num encontro accidental numa casa de chá de Nova York.

— Que nos diz do seu ultimo triumpho?

— Digo-lhe sinceramente que estou tão enamorada de Ann Vickers que tinha vontade de ser ella mesma, na realidade. O seu caracter, desenhado com tanta expressão, a sua independencia traçada com tanta segurança me impressionaram profundamente e eu só vivi a sua figura com a emoção e sinceridade que todos observaram, porque estava, de facto, suggestionada por tão extranha figura.

— Como considera o "film"?

— Como o mais expressivo e mais forte de todos os meus trabalhos, confesso-lhe, com toda a minha sinceridade. Drama forte, a novella famosa tinha de ser vivida com emoção e realidade para apparecer aos olhos do publico como elle a leu nas paginas immortaes do livro.

— Qual a emoção mais viva que guarda de "ANN VICKERS"?

Irene Dunne silenciou um instante, apanhou uma torrada, mordeu-a e com essa naturalidade que é o segredo do seu grande triumpho respondeu:

— Foi no dia que eu fui ao "Music-hall" do Rex. Eu ia entrando quando o ROX, o popular gerente daquella grande casa, me avistou no meio da multidão. Pediu-me para esperar um instante e em seguida voltou, offerecendo-me um ingresso e recommendando-me que o lesse. E eu baixei os olhos para o "ticket" e, assombrada, verifiquei que o seu numero era cinco milhões.

Algumas scenas de "Ann Vickers", que o Broadway vae exhibir segunda-feira.

HOEHNE

Um exemplar de "Brassavola Perrini", do Orchidario de S. Paulo, sob a direcção do botanico F. C. Hoehne.

Um bello typo de planta "Laelia crispa", plantado num toco de "cambarà" e ostentando 88 flores. Faz parte da collecção particular do botanico Hoehne.

Exemplar de "Cattleya labiata Warnerii", da collecção particular do botanico F. C. Hoehne. Uma planta verdadeiramente digna de figurar numa exposição: 18 flores, apresenta ella, mas a photographia, apanhando, apenas, um lado, mostra sómente 15.

O BOTANICO POETA

A nossa flora tem as flores mais bellas e destas as Orchidaceas são as rainhas. "Laelia purpurata", Oncidium longicornu" e "Polipodium Catharinae", do jardim do botanico F. C. Hoehne

AO escrever esta chronica sobre Hoehne e sua obra, confesso que senti diante de sua belleza o mesmo deslumbramento que me inspira a Natureza brasileira em todas as variantes chromaticas de suas flores, avaramente escondidas no estojo sempre verde das nossas florestas.

Trabalhador modesto para quem o silencio do gabinete dá o calor germinativo das idéas e do pensamento, dir-se-ia que o botanico patricio educou o espirito para, nas meias tintas da penumbra, crear os tons mimosos que fazem das "Laelias" e "Cattleyas" o eterno enlevo de sua vida.

Assim com as begonias a que a sombra das estufas accelera a gamma dos matizes, este homem singular tem realizado todo o seu poema mystico de louvor e defesa das plantas e das flores na quietude do seu laboratorio onde, como genuino feiticeiro, realiza o milagre de Scheherazade no maravilhoso jardim de Pindorama.

Ledôr assiduo de tudo quanto se publica sobre a nossa terra, a cada passo deparo com o rastro desse bravo matteiro a perlustrar as veredas mais aggressivas do sertão na pesquisa de tudo quanto de mais bello tem o reino vegetal, para bem da sciencia e defesa do mais opulento patrimonio florestal do mundo.

Defensor consciente das nossas arvores, Hoehne tem sabido, como ninguem, prégar no deserto contra o proprio deserto, mostrando a calamidade que representa a devastação, a fogo e a machado, das nossas mattas e das nossas essencias preciosas.

Manejando a penna com a convicção e facilidade que lhe são peculiares, elle não tem dado treguas a esses novos vandalos que por toda parte do territorio nacional só sabem crear a civilização á custa do assalto intensivo das derrubadas e da hecatombe sinistra das queimadas.

Outra face brilhante da actividade de Hoehne é, sem duvida, aquella que se caracteriza pela campanha que faz das plantas ornamentaes da nossa flora, o seu papel como factores da salubridade publica, da esthetica urbana e artes decorativas nacionaes.

Não satisfeito com o ambito do museu ou do laboratorio, elle tem perlustrado o Brasil através das regiões mais curiosas, do ponto de vista phytologico, desde os serrados de Matto Grosso, ao Planalto Goyano, das faldas humidas e frondosas da Serra do Mar ao littoral paradisiaco do Estado do Rio de Janeiro, onde, entre lagôas, angras, restingas, enseadas e braços de mar e de rio, a Natureza possue todas as graças e tentações de mulher bonita.

Sem se contentar com essas paragens, elle tem batido como faiscador de plantas e de flores a matta e a praia catharinenses, os campos geraes do Paraná, os mais remotos pagos do Rio Grande, das brenhas nordestinas e do extremo norte.

Homem de sensibilidade e artista finissimo para quem todas as glorias da creação são fontes do mais puro goso espiritual, Hoehne não é apenas um grande sabedor da botanica. Sem se contentar com as collecções de seu herbario e com os instrumentos experimentaes que a sciencia de Martius poz ao alcance da sua mão, sente-se que, dentro desse apaixonado, resplandece a scentelha da poesia na mais forte e expressiva fulguração.

Secco e duro nos primeiros encontros, Hoehne nos revela depois uma alma macia e tenra tal qual as polpas de certas frutas.

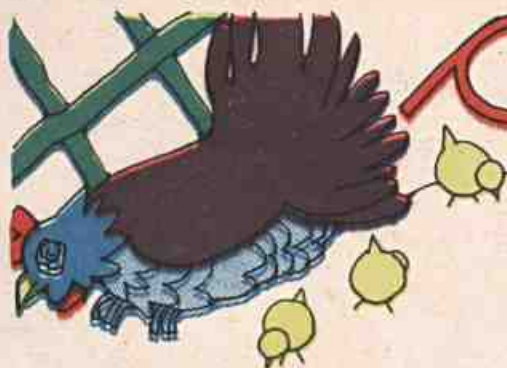
Poeta e poeta romantico do melhor quilate, elle soube crear por extranha symbiose toda a ridente felicidade do amor, substituindo as Juliettas, Lauras, Cecys e Iracemas, pela adoração pantheista das nossas orchideas para quem, com o carinho de sultão, preparou o lindo serralho do Parque do Ypiranga, nas cercanias da Paulicéa.

Bemdito seja, pois, o botanico poeta que com tanto carinho defende o escrinio sagrado das mattas brasileiras das suas joias mais preciosas!

PLINIO CAVALCANTI

A TORTURA DA FÉ

UMA OBRA PRIMA — UM MONUMENTO DE ARTE COM

Charlotte Suza e Gustav Froelich

Aves e ovos

Por BERILO NEVES

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

A gallinha é uma ave que teve um grande desgosto e deixou de voar. Quando muito, em caso de perigo, bate as asas — para não ir á panella sem protesto... Esse bater de asas é a voz do instincto — e o protesto lyrico da Especie...

—o—

Tolerar a gallinha por causa do ovo é como admittir á sogra por amor á filha...

—o—

O gallo é um aviador reformado e um philosopho em férias. Em materia de amor, é eclectico. Gosta, igualmente, de todas as gallinhas e nunca faz scenas de ciume. Quando lhe roubam alguma, para o forno, não verseja nem se suicida: consola-se com as outras...

—o—

As mulheres e as gallinhas gostam de mostrar as **pennas** que têm...

—o—

Que é o ovo? Uma illusão com casca. Que é a illusão? O ovo de uma realidade...

—o—

A casca é o muro branco que separa da realidade-universo a hypothese-pinto...

—o—

O pinto é uma tentativa de ser, intramuros...

—o—

Comer um ovo é um acto tão bestial como engulir uma esperança. Mas é logico: representa a melhor maneira de evitar que elle gore...

—o—

Um ovo gorado é uma desillusão que cheira a enxofre...

—o—

A liberdade é a vida do pinto e a morte do ovo. Cada pinto que nasce é um ovo que se perde. O pinto é, pois, a vingança, pellada, do gallinheiro...

—o—

"Emquanto se está na casca, tem-se a casa garantida!..." (pensamento de um pinto pellado, solto, na rua, em dia de chuva.)

—o—

"Quem me dera voltar, de novo, a ser ovo!..." (idéas de uma gallinha velha, na vespera de ser cosida ao molho pardo.)

Não ha nada mais antipathico do que um pinto que está sendo promovido a frango...

—o—

O frango é um sujeito que tem todos os defeitos do pinto e mais um: já não é innocente...

—o—

O gallo é quem acorda mais cedo no gallinheiro e quem dorme mais tarde... Até no gallinheiro o homem é o mais trabalhador...

—o—

O gallo é um animal tão bonito que as cozinheiras têm escrupulo em lhe torcer o pescoço, como ás gallinhas: matam-no a faca. O gallo, além de tudo, é um artista: se fosse homem, seria clarim na Policia Militar...

—o—

Para que servem as gallinhas? Para ciscar no chão e para fazer intrigas no gallinheiro... Como Eva é a mesma — em toda a escala zoologica!

—o—

"O mais bello destino de uma gallinha ainda é o forno, numa dia de festa familiar" (pensamento de uma dona de casa ajuizada).

—o—

Se os homens nascessem dentro de um ovo, como os pintos, as damas fariam questão de ir dentro de uma casca cor de rosa, com arabescos...

—o—

As gallinhas têm uma virtude a mais sobre as mulheres: são animaes essencialmente domesticos...

—o—

O gallo, na outra encarnação, foi official de cavallaria: ainda hoje traz o pennacho...

—o—

A mulher e a gallinha têm mais bico do que miolo...

—o—

Para que dar intelligencia ás gallinhas? O gallo se encarrega de tomar todas as providencias que se fizerem necessarias no gallinheiro...

A gallinha, quando fica velha, acocora-se no fundo do gallinheiro e espera a redempção final da panella. A mulher, não: pinta-se, mette-se na pelle de outros animaes, perfuma-se e vae para a Avenida fingir de moça...

—o—

Para as mulheres, a chocadeira artificial é um aviso e uma ameaça. Os homens já dispensam a gallinha para chocar os ovos... O dia das mulheres não virá longe...

—o—

Um pinto que nasce numa chocadeira artificial é um sujeito independente: não deve favor a ninguem para vir ao mundo... Só á electricidade...

—o—

Ha duas cousas tristes neste mundo: gallinha com gôgo e mulher com ciume. O ciume é o gôgo das mulheres...

—o—

A franga é a gallinha que ainda não achou casamento. Só serve para dar preoccupação aos gallos velhos...

—o—

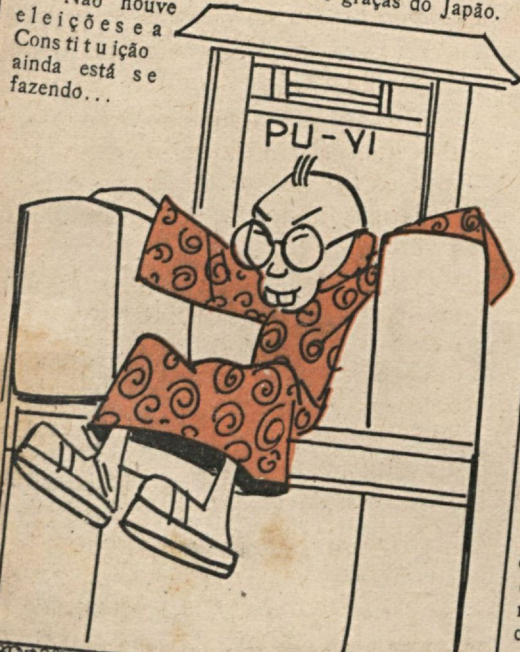
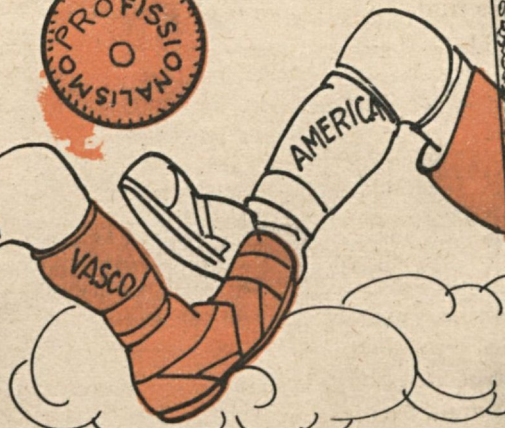
O mais sincero ideal de uma franga é deixar de o ser...

—o—

As gallinhas e as mulheres gostam de chamar a attenção sobre si: as gallinhas, cacarejando, e as mulheres — falando alto...

—o—

O gallinheiro é a unica pensão familiar onde se cumpre á risca o dever de dormir a hora certa. Todo barulho fóra de horas, num gallinheiro honesto, ou é ladrão na porta ou incendio na vizinhança. De qualquer modo, falta de policia na zona...

acreditem ou não...
POR STORNI
PÃO DE ASSUCAR
TRADIÇÃO
Toma vulto a mudança da Capital para Petropolis. Ha quem duvide desse acontecimento, por causa do transtorno que causaria o transporte do Pão de Assucar, Corcovado e outros monumentos caracteristicos e tradicionaes do Rio de Janeiro...
O Jéca continua intrigado com o augmento do preço do café... Pois si o continuam queimando?...
A campanha do nudismo nas nossas praias está se intensificando cada vez mais.
Os partidarios de Adão e Eva pretendem fazer uma grande parada, si a policia especial consentir...
De vez em quando reapparece o Capitão Fawcet, que se perdeu nos nossos sertões. Nós acreditamos que elle tinha adherido francamente aos Nhambiquaras visando alguma interventoria...
Dois rapazes destemidos, Angelú e Hungria, partiram numa fragilissima embarcação para Buenos Aires.
A coragem os une, mas o mar grosso não é sopa, e Deus queira não os separe...
A França está envolvida no maior escandalo do seculo!... Os que se passam no Brasil, portanto, são café pequeno ao lado do de Bayona.
ESCANDALO DE BAYONA
FRANÇA
O imperador chinez Pu Yi foi proclamado soberano da Mandchuria, por obra e graças do Japão.
Não houve eleições e a Constituição ainda está se fazendo...
PU-YI
O camondongo Mickey tem sido insistentemente visitado para dar entrevistas e emittir a sua opinião a respeito das coisas... Mas o camondongo Mickey é de circo e o que elle diz não se escreve.
O PROFISSIONALISMO
AMERICA
VASCO
O profissionalismo da bola está dando pingues resultados a jogadores e empresarios. O sport hoje em dia é um negocio como outro qualquer... Dia virá que nos estadios se venderão poules e duplas, como nas corridas...

O LEQUE

RESPONDENDO a certa enquête, duas talentosas escriptoras se pronunciaram acerca do leque, objecto da enquête, com uma displicencia soberana, achando que a mulher moderna já não se preoccupa com futilidades do romantismo, sendo preferivel um sport qualquer, um socco á Carnera, por exemplo, ao suave mover de um leque.

Pois eu acho que o leque e a luva nunca deviam cahir de moda na indumentaria de um e outro sexo.

No tempo do leque, nesse encantador romantismo, tão desapreciado pelas illustres escriptoras, o pensamento era mais uma funcção do coração que da intelligencia.

Pensar era, então, sentir, e sentir com alta elegancia, com fidalguia.

No lento mover daquella pequenina cauda de pavão, no abrir e fechar das rendadas varêtas de alvissimo marfim, que mundo de pensamentos, que borbulhar de emoções!

Uma linda mulher em cujo amplo decote, por um galante acto de faceirice, poisou, aberto, um leque *Imperio*, é uma edenica visão em que as asas brancas de um cysne enamorado adejam sobre uma rosa do paraiso.

A luva é tambem um eloquente adorno, no homem sobretudo.

Buckingham, extendendo a mão enluvada a Anna d'Austria e comprando a morte, nas encruzilhadas da politica franceza, como vindicta velada de uma côrte famosa, deu á luva o prestigio que é mesmo della, da aristocratica pellica com que se aprimoram as embaixadas.

Não se conquistam rainhas sem o nobre adorno.

Eu possúo um leque que me foi offerecido por uma octogenaria da minha terra natal, lá no Estado de Sergipe, sabendo ella que eu, então, catava antiguidades. E' o meu leque tambem romantico; vem do seculo passado, dos seus dias de esplendor. Tem uma das varêtas partida, e ella narrou-me o motivo desse defeito.

Fôra o leque de sua mãe, ao tempo em que esta namorava o homem com quem casou. Ao primeiro encontro deste, num salão de baile, com a mãe da minha offertante, aquella, com o pudor daquelles dias remotos, cobriu o rosto com o perfumado abanador.

O namorado, gentil e maneiroso, ao pegar no delicado objecto para ver por inteiro o rosto da sua futura esposa, partiu uma das varêtas.

O avô da minha offertante, ao saber do incidente, quiz romper o compromisso de casamento achando que um homem educado não tinha o direito de tocar num objecto que, no momento, definia um pensamento de casto e doce enleio.

Era o sentimento da época, e não era tão bonito, minhas talentosas patricias, esse attencioso romantismo que Musset substanciou na celebre phrase, já muito corriqueira — numa mulher não se toca nem com uma petala de rosa.

As mãos romanticas, isto é, as mãos que conduzem leques e luvas, lembram a brandura dos costumes, a gentileza das maneiras, altos pensamentos, fidalgo sentir.

O leque é o pensamento em acção, e cada movimento do delicado objecto é um estado de alma.

Sou pelo leque e pelas luvas, talentosas e gentis patricias.

JOÃO ESTEVES

GRANADA!

Eu acredito na solidariedade humana...

Bemdigo as "créches", as "gotas de leite" os "dias e semanas pró-filhos" dos desgraçados de toda a ordem...

\+ + +

Ás vezes, porém, fico a pensar, a pensar, e vejo quasi a esboroar-se, tal imenso castelo de areia inconsistente, essa esplendida crença no espirito que une todos os males e todas as dores da humanidade...

\+ + +

Examine-se este quadro.

Na sala nobre de um quartel, "escola de civismo e de amor á patria", destaca-se, sobre pedestal de ebano, bem cuidada e reluzente, como simbolo veneravel, uma granada de avião, cuja inocuidade no momento em que do azul fôra lançada deve-se apenas aos cochilos de seu fabricante...

Uma reliquia da hora triste em que os homens se esqueceram do conselho de Jesus de Nazareth: "Amai-vos uns aos outros"...

\+ + +

No bojo rotundo daquele engenho sinistro havia carga bastante para estraçalhar vidas e mais vidas e fazer voar pelos espaços muita coisa que a humanidade fez quando ela pensava na Vida, no Bem e na Gloria!...

\+ + +

Uma granada...

Morte, ruina!...

Glorificada sobre um pedestal que bem poderia suportar a imagem alada do Anjo da Paz!...

A Paz que é ventura...

A Paz que é a unica estrada bôa da Vida...!

\+ + +

E fico a pensar.

Será que as "créches", as "gotas de leite", os "dias e semanas pró-filhos" dos desgraçados de toda ordem tenham por finalidade conservar os meninos de hoje, homens de amanhã, para entregá-los á furia incoercivel das granadas?...

\+ + +

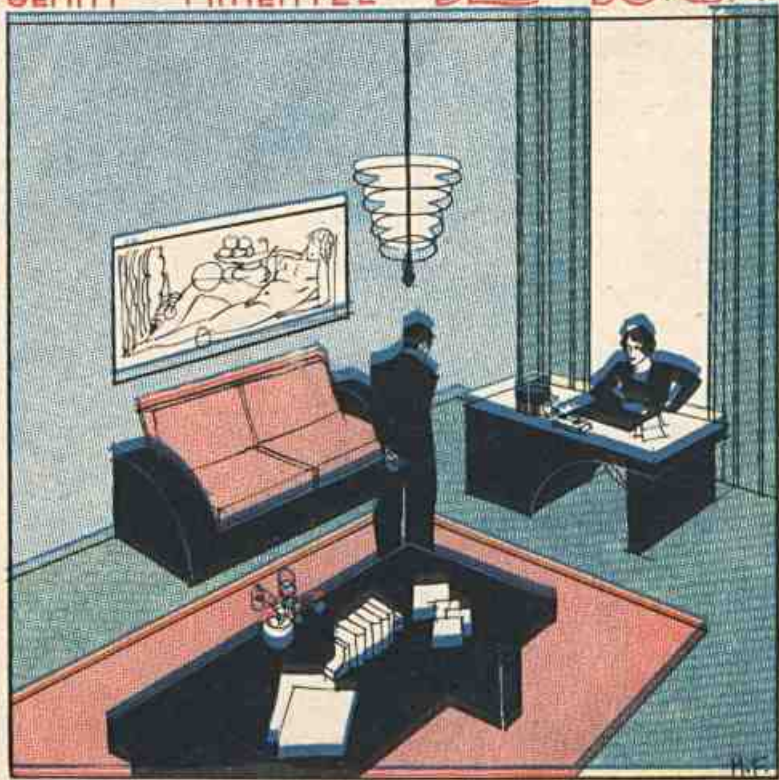
Si assim é, que desapareçam as campanhas humanitarias e se empedestalem, para o escarneo das futuras gerações, as granadas que falharam e que não quizeram ceifar a infancia cuidadosamente tratada para pasto dos seus apetites devastadores...

E glorifiquemos as boas granadas que sabem explodir, e maldigamos os industriais da guerra que cochilam quando fazem granadas de avião...!

Para consolo, porém, dos que assim tão amargamente pensam nos passos e nos destinos da misera humanidade, uma idéa surge, cheia de beleza: — a de que existem granadas, como aquela da sala nobre de um quartel, que deixam de cumprir com o seu dever explosivo da hora H

Ipameri-Goiás

FLORIANO CARAMURÚ

JENNY PIMENTEL DE BORBA

ALEXANDRE LAKMAÑROWSKY

DESCENDIA de russos.

Em torno ás feições bem delineadas uma cabelleira crespa de um ruivo-vermelho.

Bom como a bondade pregada pelas seitas, pelas religiões, havia se casado no Brasil com Laurita, creatura preparada a depender semper do homem.

Educada com todos os mimos de filha unica, vivia, quando solteira, uma existencia de menina rica.

O que aprendera, servia apenas para disfarçar a ociosidade, porque não conseguia executar um trecho mais difficil de musica, lia pessimamente um francez de collegio e as suas prendas domesticas eram mais que superficiaes. Tinha o habito de tomar café na cama. Passava os dias lendo romances ou revistas, recostada.

Ao casar-se com Alexandre Lakmanrowsky nada levou. Encontrou uma casa muito bem montada por quem possuia alguma fortuna.

Um recanto luxuoso para continuar a sua indolencia, pelos divans e almofadões de pluma.

Dentre todos os presentes recebidos do destino, aquella casa confortavel, ladeada por um jardim sempre fresco, de repuxos espalhados pela grama, era o seu maior contentamento.

Laurita sentava-se nos canteiros relvosos, tocava nas plantas, nas torneiras, para sentir o contacto daquillo que lhe pertencia.

Dentro de casa, longe dos criados e do marido, acariciava até os reposteiros pesados, abraçava-se ás almofadas, beijava alguns enfeites, como si acariciasse um gato ou qualquer coisa querida.

Custava a crer no proprio casamento. Com os olhos muito claros, ficava, ás vezes, mirando o marido, rico, joven, irradiando essa formosura exquisita de homem forte, e que no emtanto, a havia escolhido.

Muitas vezes, sentia-se embaraçada naquella casa, onde despira o seu vestido de noiva.

As manhãs do primeiro filho extinguiram os seus devaneios.

Sentia-se á vontade naquelle palacete lindo, nos braços de Alexandre ou embalando o filhinho.

A vida, sem as preoccupações de dinheiro, como em casa dos seus paes, permittiu que os seus caprichos a levassem de continuo á cozinha, a esperdiçar ovos, farinhas, em empadões e guloseimas detestaveis. Fazia com exaggero casaquinhos de tricot, sapatos, como si esperasse sempre filhos gemeos.

O marido sorria, ao ver esse principio de actividade e, ao encontrar Laurita ao pé do bercinho, sentia desejos de demonstrar a sua adoração.

Quando o terceiro filho já se agarrava as pernas das cadeiras, com o intuito de se levantar, Alexandre tirou das mãos de Laurita as agulhas de lã...

Tres filhos bastavam.

Começou a preparar a esposa para "ser viuva".

Laurita oppoz-se a tal excentricidade e esforçou-se para demover o marido de taes idéas.

Alexandre affirmava que era pelo muito que a queria, e aos filhos. Poderia morrer, inesperadamente, e Laurita encontrar-se-ia em difficuldades para lidar com a fortuna que herdaria.

Lentamente, foi envolvendo a mulher em todos os negocios.

A principio, Laurita, ao auxilial-o como secretaria e guarlivros, sentia aversão pelo marido. Suppunha-o endoidecido, mau. Depois, quando principiou a compreehnder algumas transacções, dava espontaneamente a sua opinião. Discutia, quando o marido teimava em realizar qualquer negocio que lhe parecia prejudicial.

Um dia, como mulher que era, julgou-o incapaz e disse-o, francamente.

Alexandre maguou-se.

Logo mais, sentiu-se orgulhoso da propria obra.

Exercitando-se para viuva, só a Laurita cabia a educação e cuidado com os filhos.

Fazia viagens para resolver qualquer negocio como si fosse viuva.

Quando Laurita lhe pedisse para tratar de tal ou qual negociação, Alexandre perguntava-lhe:

— Si V. fosse viuva, incumbiria alguem deste caso? Entregaria tudo nas mãos de um procurador?

— Não, porque isso é muito importante. Só posso confiar em V.

— Faça de conta que eu já morri. Assim, só em ultimo caso, vivo como estou, irei auxilial-a.

— Mas estou tão cançada, Alexandre!

— Cançei-me demais até conseguir com o trabalho este peculio. V. bem deve comprehender como me desesperaria, si o deixasse exposto em mãos inexperientes. Ficarei, emquanto V. estiver fóra, cuidando dos meninos. E' o bem estar seu e delles, que me obriga a ser tão severo assim, "chefe". Ora, venha cá.

Sentava nos joelhos a esposa que Alexandre, nos momentos de ternura, só chamava de "chefe".

Tinha a sua maneira de adorar a esposa. E essa excentricidade em preparar-lhe a viuvez era um cuidado "sui generis" cheio de affecto, porém.

Laurita emancipou-se.

Muitas vezes, era de uma cidade vizinha, tarde da noite, que Alexandre recebia noticias da mulher. Saudoso, preoccupado, nem sempre conseguia falar directamente com a mãe de seus filhos, porque a secretaria, que a acompanhava, recebia ordens de interromper o telephonema.

Honestissima e activa, Laurita era, entretanto, censurada pelos parentes e pelos que conheciam sua vida de "femme d'affaires".

O marido, relembrado sempre como um ser abjéto, com alcunhas ainda mais torpes.

Mas a fortuna de Alexandre Lakmanrowsky cada vez se tornava mais solida.

— Mais algum sacrificio, pensava elle, e irei ajudal-a, pobrezinha.

Quando Laurita ficou viuva de verdade, contractou um secretario.

Ao despir o luto, o secretario foi elevado á categoria de socio.

Mezes depois, começou a occupar o logar de Alexandre Lakmanrowsky á mesa de Laurita.

Uma noitinha, casados, contentes, o "socio" collocou nas mãos de Laurita duas agulhas longas, rosadas, para fazer pontos de tricot...

Sapatinhos e "brassiers" surgiram na cesta de costura.

O Homem de Força de Vontade

PAULO DIAS DA SILVEIRA

Desenho De JORGE BASTOS

ERA tarde da noite. A fúria dos elementos era colossal. A água caía em catadupas numa chuva grossa e violenta ao mesmo tempo que os trovões agitavam os alicerces das enormes construções que constituem o orgulho da Paulicéa.

Faíscas riscavam trágicamente o céu coberto de nuvens negras e cada vez mais ameaçadoras.

Covarde e pequenino ante a grandiosidade do espetáculo que me era dado observar, eu me agasalhara num canto providencial da rua Consolação, naquele momento deserta e tristonha como a noite que me cercava.

Súbito, surge numa esquina o vulto de um homem alto e robusto, munido de um grosseiro sobretudo, caminhando para o meu lado com passos largos e enérgicos.

Percebí que desejava se ocultar no mesmo nicho ocupado por mim.

Receoso de um atentado naquelas horas ermas da noite, apertei nervosamente o cabo do revólver de que sempre me faço acompanhar. O vulto estranho se aproximara mais e pude então verificar que se tratava de uma figura máscula e moça.

Não tinha aparentemente intuitos agressivos e mui delicadamente, com uma voz doce e melíflua que contrastava com o seu todo, dirigiu-se a mim:

— Amigo. Haverá aí um lugarzinho?

Tranquilizado, respondí:

— A's órdens. Há aquí lugares para um batalhão.

Confiante e calmo, agradeceu-me e, enquanto expulsava com a mão as gotas de chuva que salpicavam a sua roupa, disse-me com uma familiaridade justificável se nós nos conhecessemos ha anos:

— Você já teve desilusões amorosas?

A pergunta me surpreendeu fortemente.

Quais seriam as intensões do meu companheiro de refúgio? Insensívelmente, respondí mais para agradá-lo do que para entabolar conversações confidenciais:

— Sim. Algumas...

O receio que eu tinha daquele desconhecido, desapareceu. Abandonei o meu revólver, retirando a mão do bolso. Com êste gesto, poude contemplar o meu anel de facultativo, que brilhou na escuridão. Êle sorriu:

— Você é um médico mas não sabe tratar do seu próprio coração. — ? — O homem que se apaixona, que se ilude a respeito das mulheres é um fraco de espírito. Não tem fôrça de vontade. Falava de um modo calmo, dando a impressão da firmeza de suas convicções.

Frisou significativamente nas palavras *fôrça de vontade*. Enquanto eu me certificava de que êle era um espírito incomum, continuou, no mesmo modo indicador de superioridade mental: — Amigo. Quer um conselho que lhe será muito útil? Leia Márden, Austregésilo, etc. Sujeitará assim o seu coração ao cérebro. A Razão será a dirigente de seus átos. Faça como eu fiz e nunca mais se apaixonará.

A fôrça de vontade é invencível. Experimente. Hoje sou feliz porque o meu lema é: "Os homens comuns devem contentar-se com o amor retribuído, quando possível".

Eu estava admirado de ouvir aquele homem falar de *fôrça de vontade* em meio de uma tempestade daquela...

Repentinamente, o esquisitão se despediu:

— Não lhe cobro nada pela consulta, embora a sua classe seja tão careira... Até logo.

Esforçando-me por compreender a alma do meu interlocutor, nem siquer lhe respondí. Êste, porém, nem deu por isso e, do mesmo modo abruto com que havia chegado, continuou o seu caminho.

Segundos depois, um grito de mulher, um ranger de freios, o baque surdo de um corpo nas pedras da via pública...

Voltei-me, pálido de susto com certeza.

Na volta da esquina, o automóvel que havia atropelado o meu companheiro desaparecera vertiginosamente, numa fuga apressada.

O meu inesperado conselheiro de há pouco jazia no meio da rua, encharcado de água e sangue.

Nada pude fazer.

O ferimento tinha sido mortal e o pulso da vítima fugia lentamente...

Nem vivalma surgia. Era necessário conhecer a identidade daquele estranho.

Esquadrinhei os seus bolsos e só encontrei uma folha de papel inteiramente escrita.

A leitura foi sôfrega e ansiosa:

"Nelson.

E' favor não importunar mais. Aborreço-me com a sua insistência, pois não é a primeira nem a segunda vez que lhe afirmo que não o amo. Espero que compreenda o ridículo de sua situação e procure esquecer a "irresistível paixão" que a mim dedica.

Dulce".

O bilhete caíu-me da trêmula mão. O "homem de fôrça de vontade", num último alento, balbuciara qualquer coisa ininteligível...

.. ..

Por muito tempo fiquei absorto, contemplando aquele rosto de traços enérgicos, agora desvirtuados pelo "ritus" da morte.

Só voltei á posse de mim mesmo, quando um guarda-civil tocou fortemente no meu ombro:

— Desastre?

Com a voz transformada pela emoção e pelo frio que me enregelava os ossos, respondí melancólicamente:

— Não.

Foi um suicídio.

PAULO DIAS DA SILVEIRA

O mundo em revista

OS FUNERAES DE ALBERTO O MAIOR — Com toda a solennidade e esplendor realizaram-se, em Bruxellas, os funeraes do Rei Alberto. Reis e Presidentes de Republica tomaram parte nas derradeiras homenagens de saudade ao pranteado Soberano, fazendo-se representar por seus legados diplomaticos.

O corpo do Rei Alberto esteve exposto por alguns dias na Cathedral de Sainte Gudule. Toda a Belgica se prosternou, transida de dor, deante dos seus caros despojos que sempre estiveram velados pela Rainha viuva, cuja consternação é profundissima.

O CARNAVAL EM HAVANA — A nota chic das carnestolendas na capital cubana foi o corso na Malecon, a principal arteria de Havana. Umas cincoenta mil pessoas, entre as quaes se contavam milhares de americanos, presenciaram a magnifica parada de carros. E' a primeira vez, depois da prohibição do Presidente Machado, que se festeja o entrudo na pequena Republica latina.

A "CASA DA HESPANHA" — Acaba de ser instituido, na Universidade de Columbia (Estados Unidos), um centro de propaganda das actividades ibericas. "A Casa da Hespanha" foi aberta pelo bedel da Universidade, Mr. Nicholas Murray Butler, estando presente á cerimonia o Embaixador da Hespanha, Sr. Juan Francisco de Cardenas.

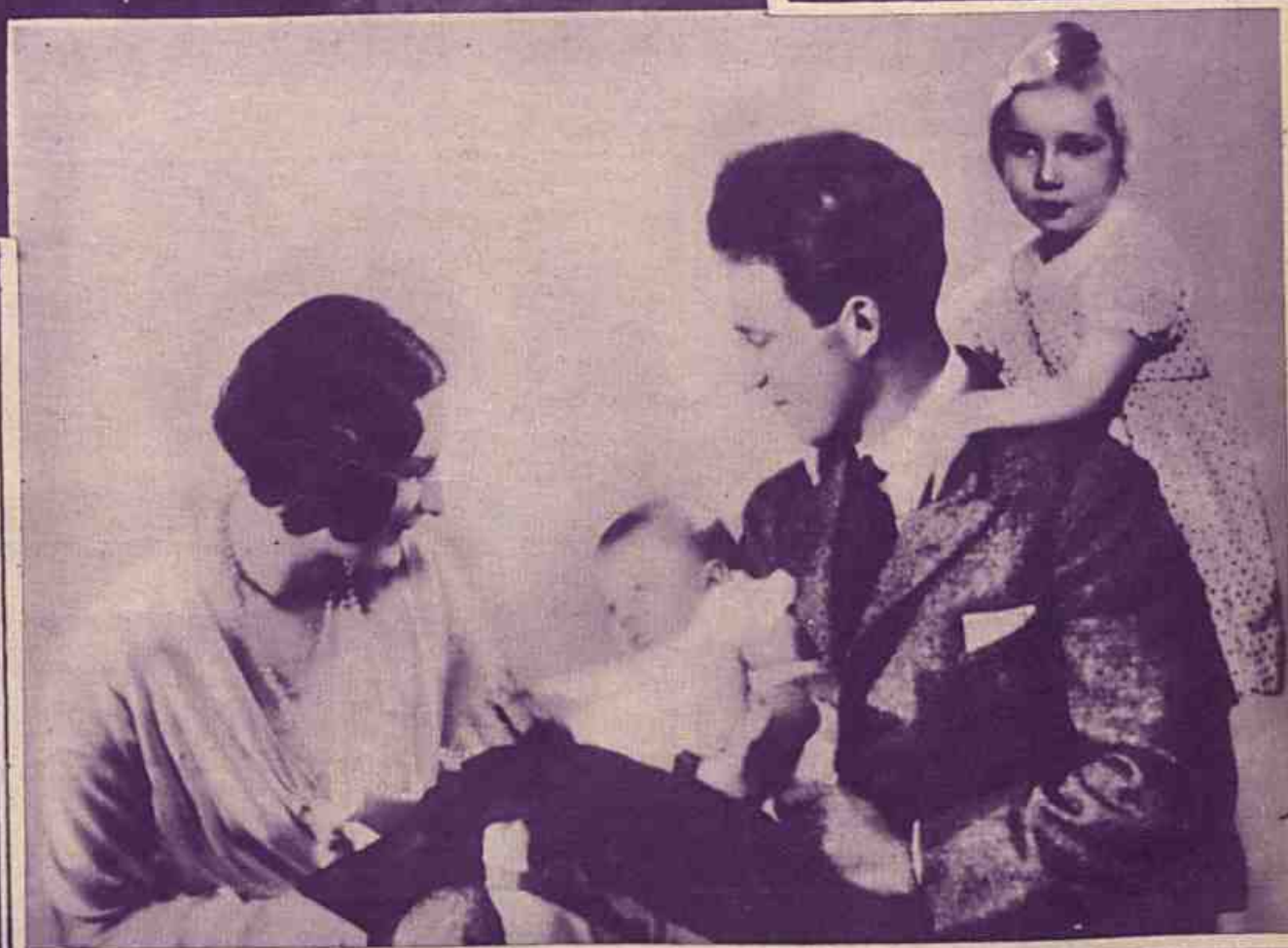
AS DESORDENS NA AUSTRIA

ARTILHEIROS das forças federaes tomando posição contra o inimigo, antes dos sangrentos encontros em que 1903 soldados de ambas as partes foram postos fóra de combate (253 mortos e 1650 feridos). Assim o informaram as autoridades militares em Vienna.

UM dos edificios que mais soffreram com o bombardeio na capital da Austria foi, sem duvida, o solar que aqui véem reproduzido. Esta photographia, que é um documento precioso, foi-nos cedida pela International News de Nova York.

Leopoldo III, o novo Rei dos Belgas, e sua augusta consorte, a rainha Astrid, photographados durante uma cerimonia civica em Bruxellas. Astrid, que é a terceira filha do Principe Karl, irmão do Rei da Suecia, desposou o joven soberano a 10 de Novembro de 1926.

Leopoldo III, a rainha Astrid e seus dois filhos: a princeza Josephina, que conta sete annos, e o principe Baudouin, que tem quatro annos e é o herdeiro da Corôa.

O NOVO REI DOS BELGAS

BONECAS DE CARNAVAL

Os primeiros premios dos bailes infantis de Momo foram conquistados, sempre, pelo encanto de Layze, que completou quatro annos no sabbado de Carnaval. A linda menina é filha do casal Carlos Brandão e neta do industrial Augusto de Castro Lopes Brandão.

O PRESIDENTE DA ARGENTINA NO RIO

REALIZOU-SE, na semana passada, no Itamaraty, a cerimonia de entrega do artistico album confeccionado por Lux-Jornal, a conhecida organização de Mario Domingues e Vicente Lima, contendo a documentação da passagem do general Justo no Rio e em São Paulo. Falaram, por essa occasião, o presidente da A. B. I., Dr. Herbert Moses, em nome de "Lux-Jornal", e o ministro Muniz de Aragão.

"A LANTERNA DE ASSOMBROS"

JORGE ABREU não é apenas o educador. As suas actividades intellectuaes culminam em varias outras regiões do Conhecimento, reaffirmando-lhe, por isso mesmo, o nome de realce de que desfruta. E' que ao lado do preceptor afloram tambem as qualidades de escriptor. O seu tratado sobre "Literatura Brasileira", fartamente conhecido e adoptado em diversos educandarios do Brasil, como por exemplo, no Collegio Militar do Rio, justo renome concedeu ao autor. E o seu mais recente livro, "Lanterna de Assombros", confirma plenamente as virtudes literarias do director do Collegio Icarahy. Trata-se de uma collecção de contos, ou antes, de pequenas novellas escriptas em bom estylo, fluente, agradavel e erudito. Nesse livro Jorge Abreu não se atém á forma sómente. Os seus contos offerecem ao leitor occasião feliz para o reavivamento de episodios historicos, por isso que os enredos e tramas vêm obrigatoriamente cotejados a acontecimentos de passadas éras, trazendo-nos á memoria aquellas figuras que no preterito gosaram as culminancias, tanto pelo saber como pelo heroismo, loucura, amor ou pela fé. E' uma cadeia de mosaicos em que se rendilham uma pagina do Velho Testamento, um heroe phenicio, grego ou romano. "Lanterna de Assombros", pois, a uns instrue e a outros recorda.

SENHORITA...

Derivados do azul: jacinto, turquesa, miosotis, céu, Sèvres, rey, pastel. Um pouco de verde "nénuphar", "grege", "marron". E preto. Eis os coloridos que Paris escolhe para a meia estação.

— Vestidos ?

Sim, e chapéus. O preto assenta com qualquer tonalidade de roupa. E' o chapeu comodo porque pratico, economico principalmente.

De "faille", de "taffetas", de seda, fitas compondo as copas e palha as abas, chapéus de veludo, de camurça fina, grandes, de palha, havendo preferencia pelo panamá "laqué".

De fôrma...

Capeline, por certo, e o "relevé" que cada uma de nós possue e adapta á fisionomia: mais batido, menos petulante, um pouco serrado á volta da cabeça ou aberto de todo deixando á mostra a testa, os olhos, o contorno do rosto...

O "relevé" chegou e começam a chegar os que a êle se assemelham: mandarim, "breton", "bambin", "yoyo" e Napoleão.

Decerto a meia estação é adoravel. Voltando-nos os "tailleurs" de seda e de lãzinha, os vestidos se fazem em pano de acôrdo com a mudança de tempo. Mas o que ha de mais expressivo para a nova fase do ano é a elegancia da jaqueta de veludo, a veste que completará a graça do vestido de "tout aller".

E' o chique parisiense.

E o chique da Norte America.

SORCIÈRE

Vestido para jantar, todo êle talhado em bonito setim "merveille" azul do céu, um fôfo á volta do decote; jaqueta de veludo turquesa, emoldurada de flôres de **taffetas** lilás rosado, botões de cristal azul na cintura e nos punhos.

Modelos de chapéu grande, em contraste com as pequenas boinas e os "relevés" medios e minusculos, todos, porém, na moda. De palha, seda, veludo, "antilope", guarnecido de flores de veludo, de cristal, de fita escosseza, ou com uma tira do vestido estampado que acompanha, neste caso a fôrma do colorido da jaqueta curta ou do casaco a tres quartos.

DE TUDO UM POUCO

BEIJOS DE DESPEDIDA

Coisas da Norte America

Em Bronxville, nos arredores de New York, as mulheres costumam conduzir os maridos à estação, conduzindo os respétivos automoveis. Aí se despedem beijando-se... carinhosamente. Os celibatarios da cidade não se conformando com isso, protestaram: porque os referidos e quotidianos adeuses prejudicavam a circulação.

O comissario de policia de Bronxville atendeu-os.

E os casados da cidade americana estão privados da publica e habitual demonstração afetiva...

A BELEZA DE MARCELLE CHANTAL

Diz a conhecida artista da França que tem horror à "maquillage", usa um bom sabão para limpesa da péle, em seguida passa no rosto um "cold-cream" sem perfume, empôa-se, não usa "rouge" nas faces, apenas "bâton" forte nos labios, um pouco de pó esverdeado nas palpebras. Como não tenha tempo de cultivar ginastica nem esportes, de tempo em tempo os substitúe por leves massagens no corpo, compressas quentes e gêlo por fim. Lava os cabêlos com um preparado composto de gêmas de ovos. Come fatias de carne assada, legumes verdes, frutas. Nunca mastiga bombons nem ingére alcool.

Assim espêra envelhecer o mais tarde possivel.

HOLLYWOOD

(Um trecho — L. S. Marinho)

Janet Gaynor.

"A maior ilusão cinematografica é a ilusão dos astros parecidos, dos sosias de astros celebres.

Êles vão à Hollywood porque se parecem com um artista feito.

E sofrem...

Logicamente não existem duas personalidades identicas.

Mas, no cinema, a duplicidade é conseguida, quando a natureza começou a tarefa, e a maquilagem dos studios a termina.

Depois temos o homem e a sombra.

O artista e o "double".

O "double" standartizado, que foi à Hollywood, sem imaginar ser sombra de um astro, e que mais tarde tornou-se sua sombra.

Ser um "double", no cinema, é ser uma creatura sem personalidade destinada a substituir, pela semelhança, uma estrêla, anonimamente, fazendo os papeis que a estrêla não se arroja a fazer. Ninguem conhece o seu unome, mas aplaude, atravez do seu trabalho, o nome da sua sosia celebre.

— —

"O produtor não se atreve a arriscar a vida de uma estrêla, porque outra mulher, parecida e paga modicamente para tomar-lhe o lugar em cenas de perigo, está tentando ser artista de cinema.

Nem os astros de grandeza teriam paciencia para suportar todos os sacrificios durante as filmagens...

— —

"A presença do "double", no "set", é requerida tanto quanto a da "estrêla", o que é logico. O "double" submete-se a tudo — é exatamente uma sombra que segue o corpo por toda parte.

Pósa. Toma seu lugar nas cenas perigosas, quando filmadas ao longe. E quando filmadas em "close-up", tambem. Neste caso, suas costas estão voltadas para a maquina.

E imita a estrêla em todos os pormenores.

— —

"Cada estrêla mais em evidencia tem sua sombra.

— —

"Ha quem imite o Charles Chaplin, melhor do que êle proprio.

Os imitadores desáparecem, e o Chaplin, contínúa no apogeu.

Assim sucede à Greta Garbo,
John Gilbert,
Janet Gaynor."

O MEU DICIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA

(RAYMUNDO DE MORAES)

— *Bancando.* — Fingindo. Substituindo. Aparentando. Aquêle cara anda bancando o coronel. O Miranda agora banca o heroe. Vá bancando a vitima que depois o tiro lhe sáe pela culatra. Vocês já viram o Oliveira? Qual dêles? Aquele batuta que apontava o coração e mostrava, por um gesto, e tamanho dos filhinhos antes de ser fusilado? Não. Nunca mais vi o meu querido Oliveira. Pois está bancando o principe soldado. Ordens rapidas e secas. Larangeira, atraca o auto. Leva-nos ao Pinheiro, passeianos por Seca, Meca e Olivais de Santarém. Larangeira, quantos kilometros vamos rodando? Quarenta, contou. Pois vira sessenta, por minha conta. Já escapei da morte tantas vezes, que isto pra mim é canja. Bota oitenta, cem, Larangeira, porque nós te pagaremos o serviço no céu, ao lado das Onze mil Virgens, bancando os martires da 1.ª Republica.

LUMINARIAS DE AGOSTO

(NEWTON BELLEZA)

Deu-se o colapso do sol,
animador da natureza...

Silencio... Paz... Meditação...

O frio enfia espinhos finos
Na carne da gente...

Uma luz feminina
afugenta a escuridão

O candelabro do céu
tenuemente... torrencialmente...
pulveriza mercurio vivo
na face da terra.

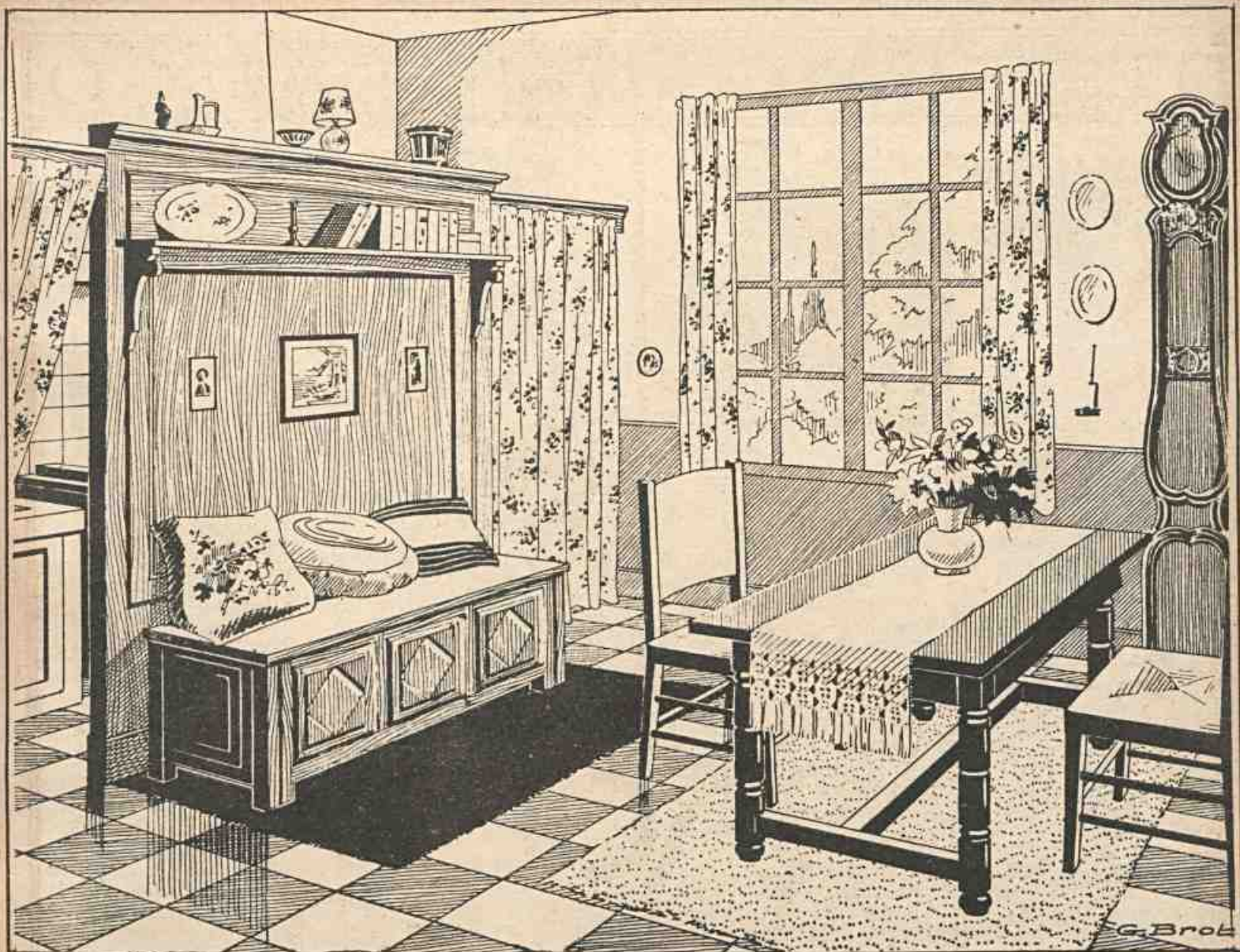
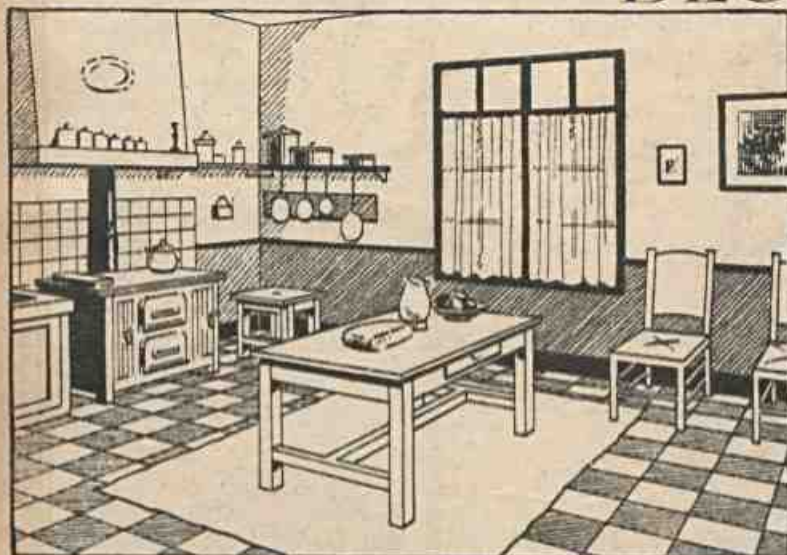
A elegancia de Marion Davies

COUSAS DA MODA

As saias adornam-se, agora, com franjas bem na beira, franjas estreitas, de bonito efeito num movimento de "godé". Tambem se terminam as saias e os punhos das roupas das mulheres de hoje com "rouleautês", o que borda, ainda, em caprichosos desenhos, peitos de blusa e mangas, costurados sobre gase côr de carne para a ilusão da péle que a transparencia sugére.

— —

Tranças de veludo, de camurça, de seda branca são dispostas como cinto e à volta dos decotes dos vestidos pretos.

ELEGANCIA MODERNA.—Sandálias de setim, de veludo, de pelica dourada. Laços, plumas, fivelas.

DECORAÇÃO DA CASA

E' possivel encontrar numa cozinha espaçosa lugar sufficiente para uma sala de refeições. A maneira de dividir tal peça é pratica, elegante, sendo a divisão apenas feita como a gravura determina: por meio de ripas de madeira com uma cortina do mesmo "reps" da janela, e uma armação que, de um lado contém livros e outros objectos, um sofá-arca, escondendo, assim, o fogão e a pia de lavar louça da outra banda.

A mesa, de simplicidade rustica, corresponde ao feitio das cadeiras, e o relogio antigo é o que soava harmoniosamente as horas distribuindo o tempo para os afazeres de casa e os da escola das nossas mamãs.

O soalho de ladrilho em grandes quadrados preto e branco ou vermelho e branco, é lustroso de verniz; um tapete singélo sob a mesa, outro, escuro, bem aveludado, junto do sofá.

PARA GENTE MEÚDA

1 — Casaco - vestido de lãzinha verde, adornos de veludo castanho.

2 — Capote de lã "beige" guarnecido de preto.

3 — Vestido de seda azul vivo, gola e punhos de seda branca.

4 — Capote e boina de veludo marinho.

5 — Vestido - casaco de flanela créme.

6 — Vestido de crêpe azul claro, gola de seda marinho e branco.

7 — Capote de veludo "ragondin" castanho, gola de veludo havana forte.

8 — Vestido de pano escossê: — seda ou lã fina.

9 — Vestido de crêpe vermelho, golinha de fustão branco.

10 — "Garçonnet" de linho branco.

CONSELHOS PRATICOS

UTENSILIOS DE COZINHA

Limpeza dos de cobre — O que ordinariamente se emprega é um acido fraco (sumo de limão, vinagre e qualquer substancia como areia fina, pedra pomes, cinzas, etc; depois de bem esfregadas secam-se as peças com um trapo ou pó de serra.

As superficies oxidadas ou manchadas de negro são limpas com vinagre quente e sal, depois lavadas com agua fria, secas com pó de serra.

Batatas — Nem só se empregam como alimento, tambem se utilisam para limpeza. Cascas cortadas em pedaços pequenos e misturadas a agua limpam garrafas, jarros e demais objetos de vidro. Misturadas a lixivia limpam perfeitamente bem zinco e utensilios de folha.

As batatas cruas servem para limpeza das folhas das facas. Tambem se conservam penas de aço cravadas numa batata.

Nos panos de cozinha pode-se trocar o sabão pela batata. O resultado é o mesmo. Ha quem limpe seda pelo mesmo processo.

COMPLEMENTOS DO CHÁ

"Sandwiches" de pão tostado com queijo. Cortam-se fatias grossas de pão, untam-se levemente com manteiga. Toma-se pó de queijo de boa qualidade, mistura-se a um pouco de manteiga formando massa bem unida, espalhando-se, em seguida, no pão, que é cortado em triangulo, e levadas as "sandwiches" ao fogo. São, depois, servidas com um pouco de alface tenra, azeitonas e rodélas de rabanetes.

TRABALHO ARTISTICO

Bonita almofada da largura da cabeceira da cama, podendo ser feita tambem para guardar a roupa de dormir. E' retangular, talhada em crêpe da China verde resedá, as aplicações verde azulado, contornadas de cordão oiro velho.

VESTIDOS PRATICOS

Um vestido de noiva, simples e elegante, todo feito de crêpe setim branco marfim, babado "plissé" nas ombreiras e na orla da saia.

A "demoiselle d'honneur" logo em seguida veste-se de tule rosa palido, fundo de setim "gris" prata, guarnições de veludo rosa tambem. A outra está de organdi azul pontilhado de prata, organdi azul unido na barra da saia e na pála da blusa. Faixa de veludo azul brilhante.

Como vestem as "estrellas" de Hollywood

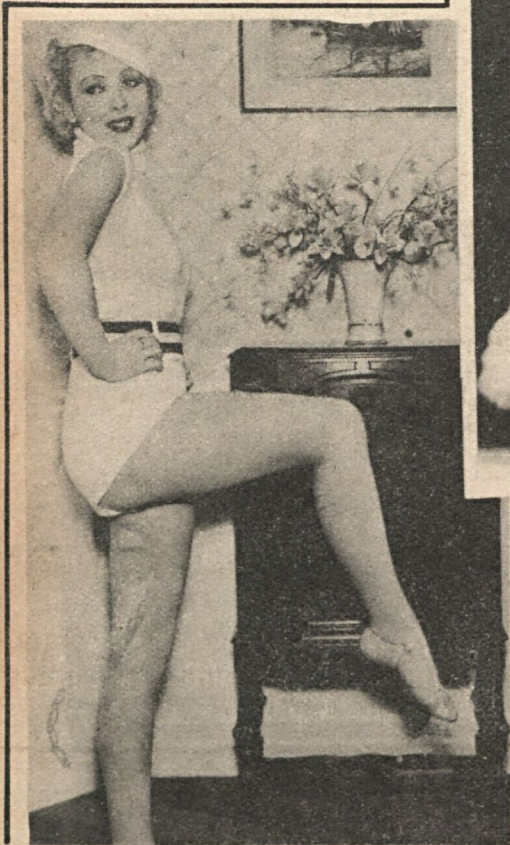
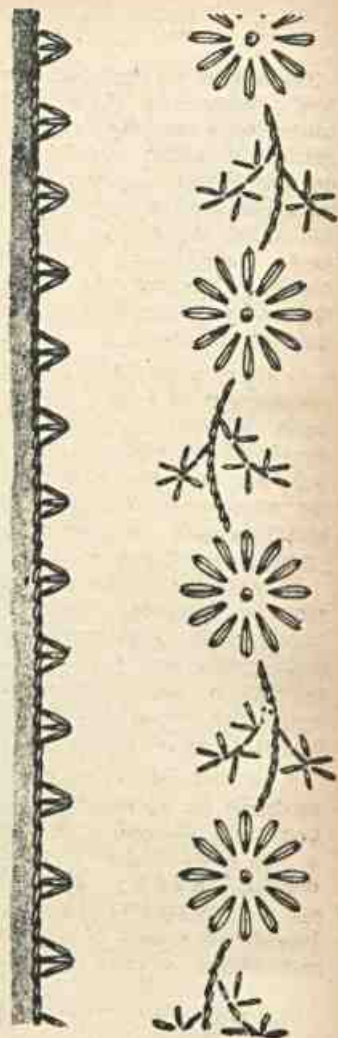
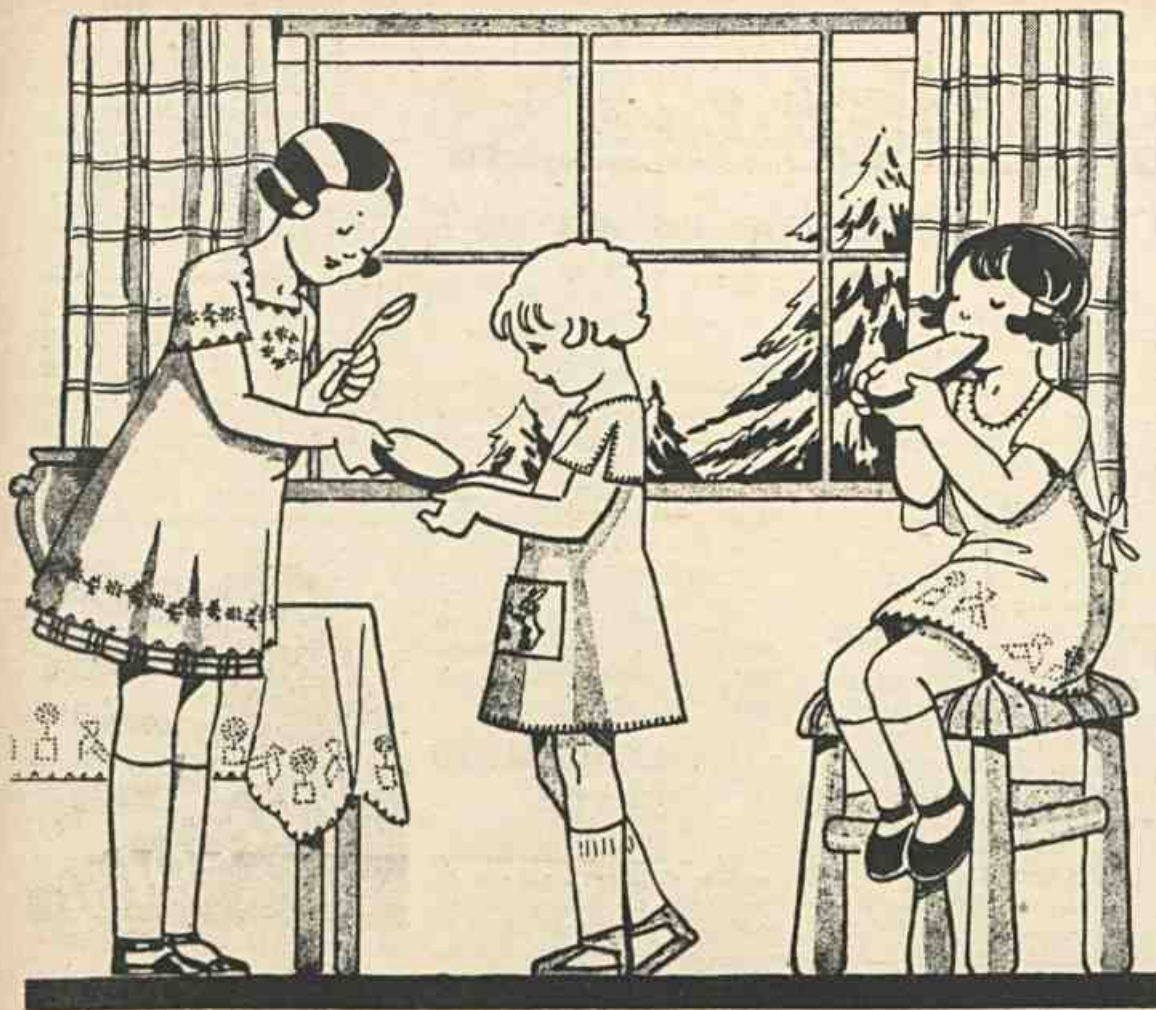
Lupe Velez, da R.K.O., num bonito vestido de setim luminoso, branco, para jantar.

Vestido de setim "merveille" azul celeste, capa de tule de seda azul brilhante.

"Ensemble" de crêpe de lã quadriculado — "marron" e branco —, chapeu de "antilope" havana forte.

O luxuoso "déshabille" de Ginger Rogers, da R.K.O.

O "maillot" branco da Ida Lupino, da Paramount.

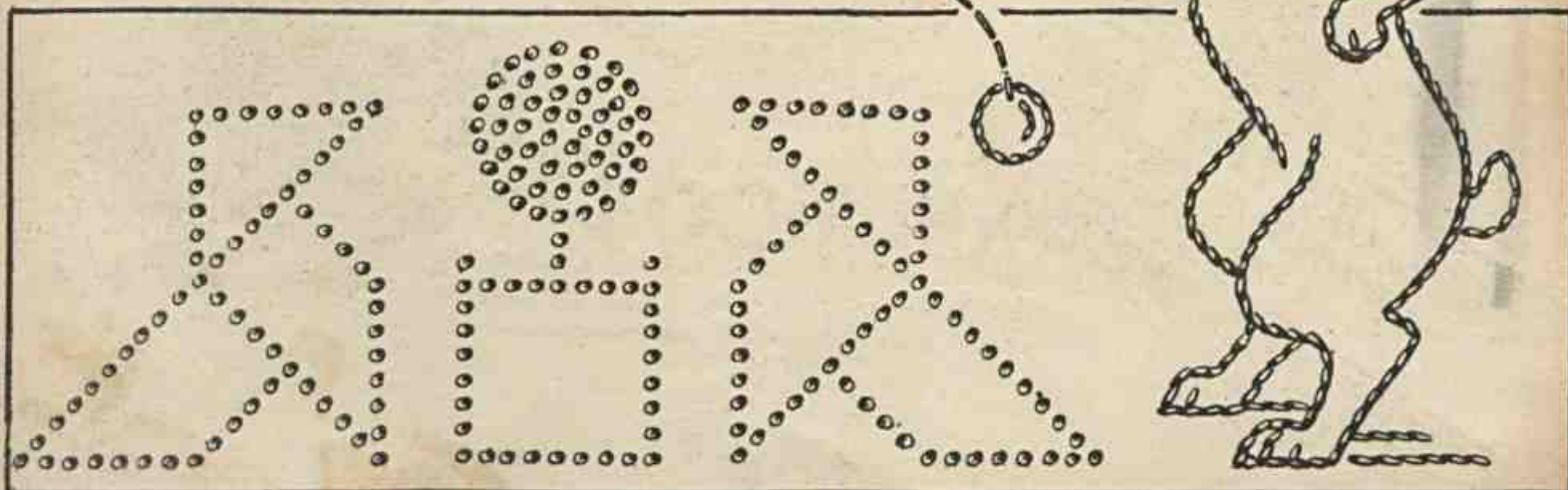
Alice White, da Universal, num elegante costume de meia estação, talhado em crêpe de seda e lã marinho e branco. Alguns dos seus sapatos novos ao lado.

PARA MENINAS

Na escola como durante as refeições as meninas devem proteger os vestidos com aventais que as mamãs sentem imenso prazer em confeccionar.

Nesta pagina figuram: avental-vestido de linho azul medio bordado com uma guirlanda cujas flôres são de linha amarélo quente e as hastes e folhas marinho; no bolso do segundo avental um coelhinho de linha preta; no terceiro desenhos esquisitos bordados a pontos de nó.

Como apparecem os cravos?

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Os cravos ou "pontos pretos", como são mais commummente conhecidos, apresentam-se como pontilhados de côr diversa, geralmente amarella escura ou negra, localizados na fronte, queixo, peito, costas, mas, principalmente, nas asas do nariz. Quanto ao numero, é o mais variado possivel.

O cravo é formado por um corpusculo filiforme, de materia sebacea, e com uma extremidade quasi sempre colorida em escuro. Ao exame microscopio encontramos quasi sempre um parasita, o "demodex folliculorum".

E' absolutamente necessario que os cravos sejam tratados, pois o principal inconveniente delles não é o de enfeiar a pessôa affectada mas, sim, uma infecção e transformação em espinha.

A origem do cravo é proveniente do accumulo de sebum nas glandulas sebaceas e nos seus conductos de excreção. Essas glandulas são formadas por pequenos fundos de sacco geralmente annexadas a um folliculo piloso, no qual ellas expellem seu producto de secreção, a materia sebacea, cuja funcção é a de lubrificar os pellos e a pelle.

Pois bem, o cravo não é mais do que o resultado da obliteração do conducto da glandula sebacea ou melhor, uma especie de rolha no orificio dessa glandula.

Os pós de arroz, cremes e outros productos de belleza, sobretudo os de fabricação ordinaria, quando applicados no rosto e não retirados convenientemente, misturam-se e provocam a formação dos cravos.

O cravo é uma formação hyperkeratosica, de volume variavel, no geral não ultrapassando ao de uma ponta de alfinete, e possuindo a extremidade externa colorida, não por um deposito de poeiras, cremes, etc. mas, sim, pela oxydação da propria keratina.

E' essa, resumidamente, a causa dos pontos pretos ou cravos, cuja localização no rosto causa tanto aborrecimento ás nossas damas elegantes.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

1.° TORNEIO COMMUM DE 1934

N.° 42 — 21 MARÇO

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores do 1.°, 2.°, 2/3 e 1/2 dos pontos, e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados, segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates, quando precisos. O 1.° premio será um Diccionario do Charadista de A. M. Sousa.

LIVROS adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição pequena); Simões da Fonseca (ed. pequena); Fonseca & Roquette (lingua e synonymos); Chompré (Fabula); Bandeira (synonymos); A. M. Souza (os 2 volumes); Jayme de Seguier (Dicc. Pratico Illustrado). Miguel Caminha (Vocabulario Monosyllabico). Para trabalhos desenhados: proverbios tirados desses diccionarios, do Moraes, do Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), e dos Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado).

NOVISSIMAS 221 a 226

2—2—No "*valle*", o que era *versado*, *ficou debilitado*.

Zé K. Lima (Santa Barbara, Minas)

1—2—Por um *pretexto* qualquer, D. "*Clara*" segura *o nariz*.

Athenas (Belém, Pará)

2—1—Com esse "*fato*" de *luto* pareces *outro*.

Aselles (São Paulo)

3—1—Até *cavaco* come este "*porco*", com muita *pompa*.

Ananias (Gente Nova, de Corumbá)

2—2—O *marombuzão é d'aqui a pouco que* vae representar a "*peça theatral*".

Antomarepe (Recife)

1—2—*Por* causa de uma *palmatoada* vi esphacelar-se o "*cylindro*".

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

CASAES 227 a 230

2—A *cabeça é firme*.

Passaro Negro (Barbacena, Minas)

2—"*Pouco*" *assumpto*.

Pizarro (Lorena. São Paulo)

2—A *mulher* é tambem *imprudente*.

Peropadis (Aracajú, Sergipe)

2—Já reparaste no "*ornato*" da minha "*capa*".

Pardaillan (A. C. L. B. — Capital)

SYNCOPADAS 231 a 234

3—2—"*O sultão*" *é ás vezes* "*governador de provincias*".

Edipo (do Grupo da Guarda Velha — Curityba)

3—2—No *affluente do rio Paraguassú* ha muito "*peixe*".

Julião Riminot (Bloco dos Fidalgos—Santos)

3—2—O bom "*julgador*" conhece as essencias pelo *perfume*.

K. C. T. (do G. Guarda Velha—Curityba)

3—2—Diga ao "*official de diligencias*", que *intime* o cabo.

D. Chico T. (G. G. V.—Curityba)

ENIGMA 235

..."Por" fim, me disseste um dia,
Chorando como creança:
— "Que é da minha alegria,
Daquella antiga bonança"...

No principio até sorria,
Mas hoje nem mesmo alcança
Minh'alma triste e erradia
O goso de uma esperança.

Fui feliz... Tive no mundo
A gloria de ser querida
Com affecto talvez profundo,

Mas por fim o que me resta
Senão a dor incontida
Que sem treguas me *molesta*."

Pizarro (Lorena—São Paulo)

CHARADAS 236 a 238

Certo nobre lá do Averno,
Aprisionando no inverno
Um tal pretinho pirata,
Fez delle grande omelete
Com carne, ovos e batata,
Recheada com croquette!...
Mal o nobre a collocou
Na bocca, logo gritou:
— Safa!... Destino funesto!...
'Stá o moleque *indigesto!*...—2—
E' que o fidalgo *applicou*—1—
Uma tamanha dentada,
Que a carne toda ficou
Na sua guéla, engasgada!...
E' capaz de menoscabos
Esse *principe dos diabos!!*...

K. C. T. (Grupo da Guarda Velha—Curityba)

Já mandei cortar um "*caibro*"—2—
Cá no "*novo*" florestal—2—
Para accrescer minha casa
De um alpendre *lateral*.

Pizarro (Lorena)

Quem *trabalha* com charadas,—3—
Sempre *vive em harmonia*,—1—
Não incommoda a ninguem
Com *estrondo*, ou arrelia.

Perópadis (Aracajú)

LOGOGRIPHO 239

(*Para o Tercio-Filho*)

Sou forçado actualmente
A fazer *economia*,—2-6-4-8-3
Cousa "*de muito valor*"—3-5-8-6-9
E' ter dinheiro hoje em dia.

Gasto meu cobre c'o *acerto*,—8-7-4-9-2
Isso eu digo
[a toda a
[gente,
Sei controlar meu *dinheiro*—1-6-8-2-9
Para *ser independente*.

Bisilva (Natal, Rio G. do Norte)

ALBUM DE ŒDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

4.° TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.° 25

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Etiel e Euristo (ambos da T. E.), e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa).

OUTROS DECIFRADORES

Lolina, R. Said e Velhusco (todos 3 da Bahia), Lidaci e Mawercas (ambos desta Capital), Helio Florival, Belkiss, Noiva da Collina, Taft, Eneb, V. Neno e Vivi (todos 7 do Grupo dos XX, de Piracicaba), 24 cada; Tercio-Filho e Ricardo Mirtes (ambos de Recife), Castrinho, Ananias, Scylla, Canhoto e Americo (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), 23 cada; Alvasco e K. Nivete (ambos de Recife), Passaro Negro (Barbacena, Minas), Candinho (Bananal, São Paulo), 22 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), 21; Tiburcio Pina (Bahia), Capichoto, Capichola e Capuchinho (do Gremio Capichaba, E. Santo), 20 cada; Dama Verde (Bahia), 18; Edipo (Curityba, Paraná), De Souza (Capital), 16 cada; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 13; Pardaillan (A. C. L. B., Capital), 11; Principe Aymone (João Pessôa, Parahyba), 5.

DECIFRAÇÕES

76 — Castalia; 77 — Roquete; 78 — Rosario; 79 — Ossada; 80 — Cantochão; 81 — Nimboso; 82 — Matraz; 83 — Lata; 84 — Caso, casa; 85 — Lumieira, lumieiro; 86 — Fosco, fosca; 87 — Converso, conversa; 88 — Escarolada, escalada; 89 — Granado, Grado; 90 — Cabeção, cação; 91 — Refega, rega; 92 — Capitoso, caso (pito, caso); 93 — Alicahido (ali, cahido); 94 — Mansarda; 95 — Chularia; 96 — Leviano; 97 — Rebentona; 98 — Esvaecimento; 99 — Estiomeno; 100 — O robalo quem quizer ha de escamal-o.

NOTA — *Chataria* para 95, nem o Simões traz, nem tão pouco o Bandeira; houve, por força, citação errada. Como *Paulista* para 92? Nada encontramos na urdidura que possa nos levar a applicar o termo. *Mala* para 82, tem o *la* como *apóc* que não encontramos no A. M. S., como foi citado.

PRAZOS

Terminarão a: 11, 16, 22, 24 e 26 de Abril proximo, e a 1 de Maio seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n. *40*:

E' *Philo* e não *Perilo*, o charadista que tem 21 pontos no n. 23. Correta, certa e Larea, as decifrações 38 e 42 do mesmo numero. E' — por — e não — p'r'o — o que está no 8.° verso da charada 196. Gryphe-se — *vermelha* — no ultimo verso da charada 198. Encontramos — e não — encontrei (linhas 4, do *Campeonato Brasileiro de 1934*. Não deve ser gryphada a — garrafada — *Rectificação*.

JUSTIFICAÇÕES ACCEITAS

Em vista da justificação que nos satisfez, de *Casto* para 168, do n. 20, marcamos mais 1 ponto a Velhusco, Agama, Lolina, Helianthо, R. Said e Clirio.

Etiel, Euristo e Vasco Dias, têm direito a mais 1 ponto, referente a *Medido, medida*, 85, do n. 17, que foi omittido involuntariamente na occasião da apuração do citado numero.

GALERIA DOS NOSSOS CHARADISTAS

Ficha charadistica n. 295 — Aselles (Maria José Salles), São Paulo.

Ficha charadistica n. 299 — Perola (Alayde Lemos Cavalcanti), Lorena, São Paulo.

1.° TORNEIO COMMUM DE 1934

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Inscreveram-se com trabalhos para a prova que epigrapha estas linhas, *Edipo, Azarilela, Miss Iva, Zequinha, Peter Pan, Jivo, Dr. Promessa, Valente, Walkyria, Cyro, Dapera, D. Chico T., Arthano, Gontran d'Abrunhosa, Mr. Trinquesse, L'Oscar, Nazareno, Cid Marlowe, Tenente, Claudina, Lily Quaglietta, Aselles, Pizarro, Dr. Kean, Julião Riminot, Paracelso, Etienne Dolet, Dama Verde, Tiburcio Pina, Alvasil, Ave da Sorte, Aventureira, Clirio, Agama, Vigario de Wielkfield, Flôr de Liz, Neptuno, Megareo, Velhusco, Helianthо, R. Said, Lolina, Violeta, Tercio-Filho, Ricardo Mirtes, K. Nivete, Lidaci, Peropadis, Athenas, C. Maia, K. C. T.*

Destes, os 14 primeiros não terão trabalho algum publicado, porque se afastaram da clausula 6.ª, das *Instrucções*, publicadas n'O MALHO, 19 de 12 de Outubro de 1933.

Os restantes figurarão com 5 artigos cada um, e os que apparecerem com menor numero de trabalhos é porque, ou utilizaram-se de livros, que não constam da clausula 13.ª das mesmas *Instrucções*, ou empregaram os sub-titulos prohibidos pelas allineas *a* e *b*, do Regulamento para este anno, allineas que podem ser consultadas logo abaixo das 51 primeiras linhas, ou, finalmente, os trabalhos não nos satisfizeram, quer por confusos, quer por errados, quer por imperfeição metrica que não conseguimos fazer desapparecer.

Ao *Passaro Negro*, de Barbacena, e a *Gandhi*, de Campos, communicamos que seus respectivos trabalhos chegaram fóra do prazo estipulado, e por isso não puderam ser attendidos. Entretanto, ambos, bem como os 14 primeiros da lista acima, poderão tomar parte na disputa da prova e *obsecutar* o BRONZE destinado ao Campeão de 1934, conforme lhes faculta o final da clausula 6.ª, mencionada.

CORRESPONDENCIA

Cid Marlowe (S. Paulo) — As listas tambem devem ser escriptas de um só lado do papel, e cada qual em separado, e não como fez escrevendo, nas costas do n. 36, a do n. 37.

Aselles (S. Paulo) — Agora, com a remessa do retrato, fica integrada, definitivamente, em nosso quadro charadistico. De outra vez, a illustre confreira remetta cada charada, a publicar, em papel separado, e logo em seguida a decifração com a citação do diccionario, e a sua assignatura. Lá está no Regulamento — Titulo — TRABALHOS —. Para os *torneios communs* queremos artigos mais faceis e, dos que enviou, bem poucos serão aproveitados. Duas casaes estão desclassificadas, porque foram feitas sobre verbos.

Icaro (S. Luiz do Maranhão) — Sua ficha é 114, e o retrato já foi publicado. Guardamos o novo. No numero passado, respondemos ao que perguntou.

Mawercas, Tercio-Filho, Alvasil — Recebemos os trabalhos.

Edipo, D. Chico T. e K. C. T. (Grupo da Guarda Velha, Curityba) — Recebemos os trabalhos, mas elles não vieram em regra, porquanto está tudo na mesma tira. Pela ultima vez: cada especie em papel separado, assignadas e com a citação do diccionario.

Perola (Lorena, S. Paulo) — Está inscripta sob n. 299. Mais suavidade nos trabalhos para os *torneios communs*. Philosophia Popular não é do Regulamento. Como, porém, seus desenhados constam de um dos livros adoptados, serão publicados. Pena é que tenhamos de os tornar a desenhar aqui, pois ha nelles falhas grandes. Agora, só mesmo lá para Julho ou Agosto.

M A R E C H A L

FIGURADO 240

Ilha do Parana' — Ilha do Para' — 5 Letras

Tercio-Filho (Recife)

"DHARMA"

Recebemos e agradecemos o n.º 1 dessa revista, orgão mensal de Theosophia, Arte, Sciencias historicas e Orientalismo, cujo director responsavel é o Sr. Oswaldo Silva.

"Dharma" traz artigos de collaboração de innumeros socios da Loja Renascença e está bem apresentada graphicamente.

Uma bella obra de philanthropia

A barraca S. Paulo, na kermesse em pról da Santa Casa de Gramma, exhibindo os mais captivantes sorrisos, em favor dessa obra humanitaria.

A barraca S. Sebastião, uma das que mais produziram em beneficio da Santa Casa de Gramma, Estado de S. Paulo.

Aspectos Sociaes da Questão do Trabalho

O sr. Raul de Siqueira Xavier dá-nos, sob este titulo, uma interessante brochura. A simplicidade do estylo, a erudição facil do autor prendem a attenção de quantos põem os olhos nas suas paginas.

Por outro lado, o assumpto é, por sua propria natureza, de muito interesse, principalmente no momento.

Uma Verdadeira Joia!